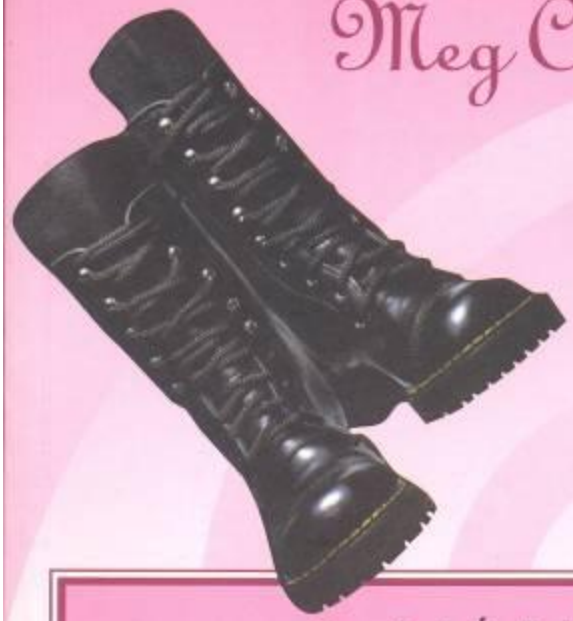
Meg Cabot



Romance que deu origem à superprodução dos Estúdios Disney estrelada por Julie Andrews e Anne Hathaway

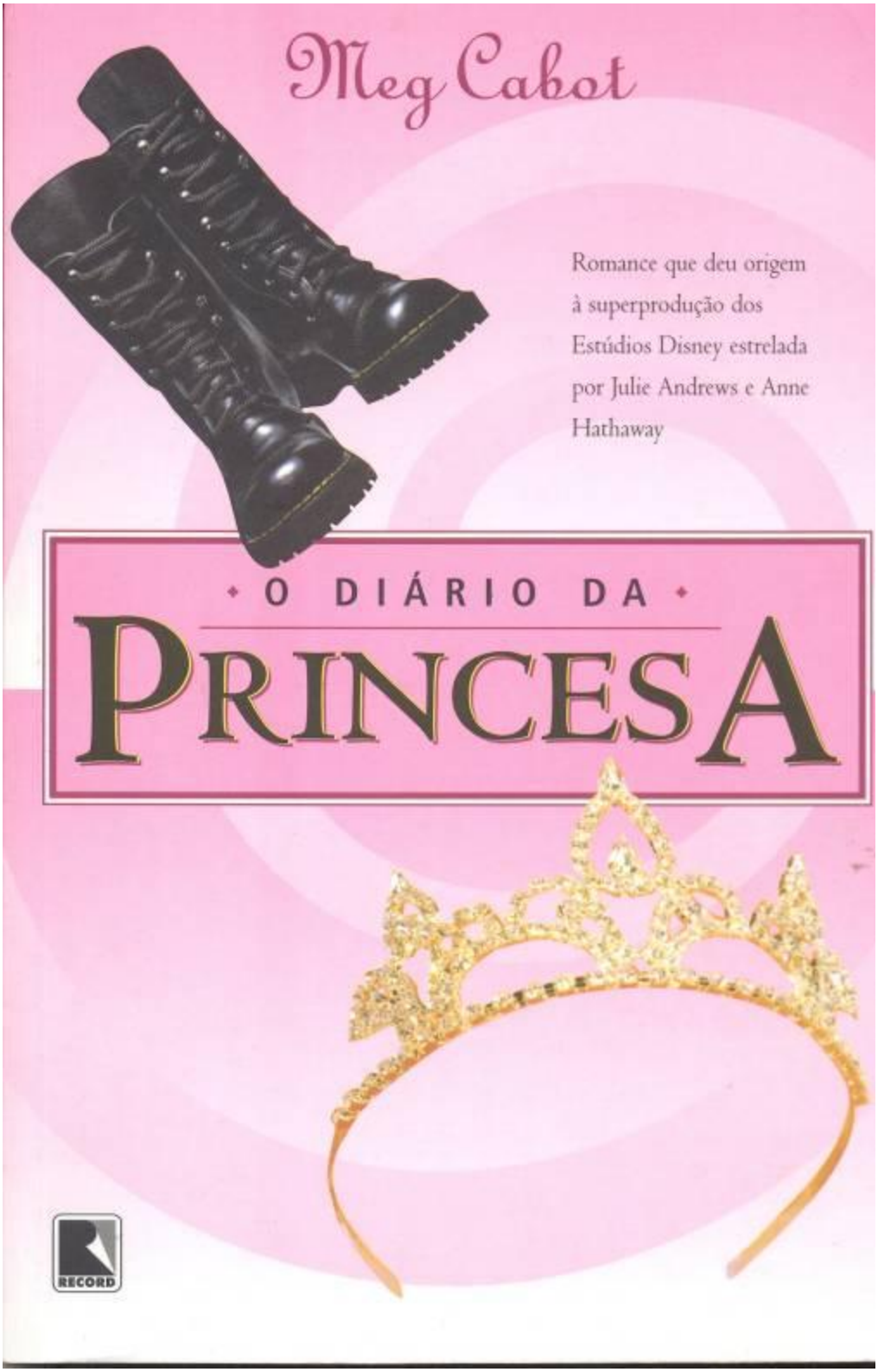
O DIÁRIO DA PRINCESA

RECORD

dLivros

{ Baixe Livros de forma Rápida e Gratuita }

Converted by convertEPub



Digitalização: Lara Souto Santana

Correção: Cristine Akemi Sakô e Lara Souto Santana

1

OUTRAS OBRAS DA AUTORA PUBLICADAS PELA RECORD

A garota americana

O garoto da casa ao lado

Série **O Diário da Princesa**

A princesa sob os refletores

A princesa apaixonada

A princesa à espera

A princesa de rosa-shocking

Lições de princesa

Série **A Mediadora**

A terra das sombras

O arcano nove

Reunião

A hora mais sombria

2

Meg Cabot

O DIÁRIO DA

PRINCESA

Tradução de

RUY JUNGMANN

17ª EDIÇÃO

E D I T O R A R E C O R D

RIO DE JANEIRO • SÃO PAULO

2005

3

CIP-Brasil. Catalogação-na-fonte

Sindicato Nacional dos Editores de Livros, RJ.

Cabot, Meg

C116d O diário da princesa /Meg Cabot: tradução de Ruy Jungmann 17ª ed. — 17ª ed. — Rio de Janeiro: Record: 2005.

Tradução de: The Princess Diaries

ISBN 85-01-06290-1

I.Romance norte-americano. 1. Jungmann, Ruy, 1924— . II, Título.

CDD —813

01-1756 CDU — 820(73)-3

Título original norte-americano

THE PRINCESS DIARIES

Copyright © 2000 by Meggin Cabot

Todos os direitos reservados. Proibida a reprodução, no todo ou em parte, através de quaisquer meios.

Direitos exclusivos de publicação em língua portuguesa para o Brasil adquiridos pela DISTRIBUIDORA RECORD DE SERVIÇOS DE IMPRENSA S.A.

Rua Argentina 171 —Rio de Janeiro, RI —20921-380 — Tel: 2585-2000 que se reserva a propriedade literária desta tradução

_____

Impresso no Brasil

ISBN 85-01-06290-1

PEDIDOS PELO REEMBOLSO POSTAL

Caixa Postal 23.052

Rio de Janeiro, RJ — 20922-970

4

Agradecimentos

A autora deseja expressar sua gratidão às pessoas que, de tantas maneiras, contribuíram para a criação e publicação deste livro: Beth Ader, Jennifer Brown, Barbara Cabot, Charles e Bonnie Egnatz, Emily Faith, Laura Langlie, Ron Markman, Abigail McAden, A. Elizabeth Mikesell, Melinda Mounsey, David Walton, Aliegra Yeley e, a mais do que ninguém, Benjamin Egnatz.

5

“*O que quer que aconteça”, disse ela, “não pode mudar uma coisa. Se sou uma princesa em trapos e andrajos, posso ser uma princesa por dentro. Seria fácil ser princesa se eu estivesse vestida com tecido de fios de ouro, mas á um triunfo muito maior ser princesa o tempo todo, sem ninguém saber*”

A LITTLE PRINCESS

FRANCES HODGSON BURNETT

6

Terça-feira, 23 de Setembro

Às vezes, parece que tudo que faço é mentir.

Mamãe acha que estou reprimindo meus sentimentos sobre isso.

Eu digo a ela: “Não, mamãe, não estou. Acho que é realmente bacana. Enquanto você for feliz, eu serei feliz.”

Mamãe respondeu: “Eu não acho que você esteja sendo honesta comigo.”

Em seguida, ela me deu este livro. Diz que quer que eu escreva nele meus sentimentos, já que, diz ela, obviamente eu não acho que posso falar com ela sobre eles.

Ela quer que eu escreva sobre meus sentimentos? Tudo bem, vou dizer, por escrito, quais são meus sentimentos.

EU NÃO POSSO ACREDITAR QUE ELA ESTEJA FAZENDO ISSO COMIGO!

Como se todo mundo já não acreditasse que eu sou uma aberração. Sou praticamente a maior aberração de toda a escola. Quero dizer, tenho que reconhecer: tenho 1,80 de altura, não tenho peito, e estou no primeiro ano. Do que mais uma pessoa precisa para ser uma aberração?

Se o pessoal da escola descobrir isso, estou ferrada. Isso mesmo. Ferrada.

Oh, Deus, se você realmente existe, não deixe que eles descubram isso.

Há quatro milhões de habitantes em Manhattan, certo? Isso significa que uns dois milhões deles são homens. E, entre DOIS MILHÕES de caras, ela foi namorar logo o Sr. Gianini. Ela não pode sair com um cara que eu não conheço. Ou com um que tenha conhecido no D‟Agostinos ou em qualquer outro lugar. Oh, não.

Ela tem que namorar meu professor de álgebra

Obrigada, mamãe. Muitíssimo obrigada.

7

Quarta-feira, 24 de Setembro,

Quinto Período

Isso é bem de Lilly: “O sr. Gianini é legal.”

É isso aí. Ele é legal se você é Lilly Moscovitz. Ele é legal se você é boa em álgebra, como Lilly Moscovitz. E não é tão legal se você está levando bomba em álgebra, como eu.

Ele não é tão legal assim, se obriga a gente a ficar na escola TODOS OS DIAS, das 2:30h até as 3:30h, para estudar o método DEMONSTRAÇÃO POR ABSURDO

quando você podia estar passeando com a turma. Ele não é tão legal assim se chama sua mãe para uma conversa particular mãe/professor, diz que a filha vai levar pau em álgebra e, depois, CONVIDA ELA PARA SAIR.

E não é tão legal assim se está metendo a língua na boca da sua mãe.

Não que eu tenha mesmo visto eles fazerem isso. Eles nem saíram juntos ainda pela primeira vez. E não acho que minha mãe vá deixar que um cara meta a língua na boca dela no primeiro encontro.

Pelo menos, espero que não.

Na semana passada, vi Josh Richter enfiar a língua na boca de Lana Weinberger. Vi bem de perto, porque os dois estavam encostados no armário de Josh, que fica junto do meu. Achei aquilo nojento.

Embora eu não possa dizer que me importaria se Josh Richter me beijasse desse jeito.

Um dia destes, Lilly e eu fomos ao Bigelows comprar um pouco de creme de limpeza de pele para a mãe dela e vi Josh esperando perto do caixa. Ele me viu e até pareceu dar um sorriso, e disse: “Oi.”

Ele estava comprando Drakkar Noir, uma colônia para homem. A vendedora me deu uma amostra grátis da colônia. Agora posso sentir o cheiro de Josh sempre que quero, na privacidade da minha própria casa.

Lilly diz que as sinapses de Josh estavam provavelmente batendo pino naquele dia, devido a um ataque de insolação ou coisa assim. Disse que ele provavelmente pensou que eu parecia uma pessoa conhecida, mas que não podia situar minha cara sem as paredes de blocos de cimento da Escola Albert Einstein atrás de mim. Por que outro motivo, perguntou ela, o cara mais popular do último ano do segundo grau diria oi para mim, Mia Thermopolis, uma caloura que não é ninguém?

Mas eu sei que não foi ataque de insolação nenhum. A verdade é que, quando está longe de Lana e de todos aqueles seus amigos machões, Josh é uma pessoa inteiramente diferente. O tipo de pessoa que não se importa se uma garota não tem peito e usa sapato 44. O tipo de cara que pode ver além de tudo isso, dentro das profundezas da alma de uma garota. Eu sei porque, aquele dia, no Bigelows, quando olhei dentro dos seus olhos, vi a pessoa profundamente sensível que há dentro dele lutando para sair.

Lilly diz que eu tenho imaginação hiperativa e necessidade patológica de inventar situações de intenso conflito em minha vida. E diz ainda que o fato de eu estar tão perturbada com minha mãe e o sr. G é um exemplo clássico dessa situação.

“Se você está tão perturbada assim, simplesmente diga isso à sua mãe”, aconselha Lilly.

“Diga a ela que não quer que ela saia com ele. Eu não compreendo você, Mia. Você 8

anda sempre por aí mentindo sobre como se sente. Por que, para início de conversa, você não diz realmente o que sente? Seus sentimentos têm valor sabia?”

Oh, tudo bem. Como se eu fosse encher o saco de minha mãe com isso. Mamãe está tão completamente feliz com esse namoro que me dá até vontade de vomitar. Ela passa o dia todo *cozinhando*. Não estou nem brincando. Pela primeira vez em meses, ela fez um prato de massa. Eu já havia aberto o cardápio de comida chinesa do Suzie‟s para pedir que mandassem alguma coisa em casa, quando ela disse: “Oh, não, hoje à noite nada de macarrão frio com gergelim. Eu fiz um prato de massa de verdade.”

Massa! Minha mãe fez um prato de *massa*!

Ela chegou mesmo a respeitar meus direitos como vegetariana e não botou almôndegas no molho.

Eu não estou entendendo nada.

COISAS PARA FAZER

1. Comprar areia para o gato

2. Terminar o exercício DEMONSTRAÇÃO POR ABSURDO para o sr. G

3. Parar de contar tudo para Lilly

4. Ir até a Pearl Paint comprar lápis macios, spray fixador e moldura de tela (pra mamãe)

5. Dever de casa de Civilizações Mundiais sobre a Islândia (5 páginas, espaço dois) 6. Parar de pensar tanto em Josh Richter

7. Levar a roupa para a lavanderia

8. Aluguel de outubro (confirmar se mamãe depositou o cheque de papai) 9. Ser mais positiva

10. Medir o busto

9

Quinta-feira, 25 de Setembro

Hoje, na aula de álgebra, a única coisa em que consegui pensar foi que o sr. Gianini, amanhã à noite, poderia meter a língua na boca de minha mãe, quando saíssem juntos.

Fiquei simplesmente sentada no meu lugar, olhando para ele. Ele me fez uma pergunta muito fácil — juro que ele reserva para mim todas as perguntas fáceis, como quem não quer que eu me sinta excluída ou coisa assim — e nem mesmo a ouvi. Eu era só uma pergunta: “O quê?”

Depois, Lana Weinberger fez aquele som que sempre faz e inclinou-se para mim, com todos aqueles cabelos louros varrendo minha carteira. Fui atingida por aquela gigantesca onda de perfume e, em seguida, Lana silvou em uma voz realmente maldosa:

“ABERRAÇÃO.”

Apenas, ela disse isso como se a palavra tivesse mais de quatro sílabas. Como se fosse pronunciada como A-A-BE-BE-RA-RA-ÇÃO.

Como é que pessoas tão bacanas como a Princesa Diana morrem em um desastre de automóvel e pessoas mesquinhas como Lana nunca morrem? Eu não entendo o que Josh Richter vê nela. Quer dizer sim, ela é

bonitinha. Mas é tão malvada. Será que ele não nota isso?

Talvez, porém, Lana seja boa para o Josh. Tenho certeza que eu seria. Ele é o cara mais bonito da Albert Einstein High School. Um monte de meninos parecem uns verdadeiros espantalhos no uniforme da escola que, no caso deles, é calça cinza, camisa branca, suéter preto, casaco ou colete. Mas não Josh. De uniforme, ele parece um modelo. E não estou brincando.

De qualquer modo... Hoje, notei que as narinas do sr. Gianini se destacam muito. Por que alguém ia querer namorar um cara que tem narinas que se destacam tanto? Na hora do almoço, perguntei isso a Lilly e ela respondeu: “Eu nunca notei as narinas dele antes.

Você vai comer esse bolinho?”

Lilly diz que eu preciso deixar de viver obcecada. Diz que eu estou nervosa assim porque este é nosso primeiro mês na escola, que levei bomba em alguma coisa e que estou transferindo para ela esse nervosismo com minha mãe e o sr. Gianini. Diz que isso é chamado de transferência.

Uma palavra dessas aparece quando os pais de nossa melhor amiga são psicanalistas.

Hoje, depois das aulas, os drs. Moscovitz estavam querendo porque querendo me analisar. Quero dizer, Lilly e eu estávamos simplesmente sentadas, jogando *boggle*. A cada cinco minutos, a gente ouvia: “Meninas, vocês querem um pouco de suco?

Meninas, há um documentário muito interessante sobre lulas no canal Discovery. E, por falar nisso, Mia, o que é

que você acha de sua mãe ter começado a namorar com o professor de álgebra?”

Eu digo:

“Acho bacana.”

Por que é que eu não posso ser mais positiva?

Mas o que é que vai acontecer, se os pais de Lilly encontrarem por acaso minha mãe no supermercado Jefferson ou num lugar assim? Se eu contasse a eles a verdade, eles *definitivamente* contariam a ela. Não quero que minha mãe saiba como eu me sinto esquisita sobre esse namoro, não quando ela está tão feliz com isso.

Pior ainda foi que o irmão mais velho de Lilly ouviu tudo. Imediatamente, começou a rir como um doido, mesmo que eu não veja nada de engraçado nisso.

E disse:

“Sua mãe está namorando Frank Gianini? Ha, ha, ha!”

10

Que maravilha. Agora o irmão de Lilly, Michael, sabe.

De modo que tive que começar a implorar a ele que não contasse a ninguém. Ele está no quinto período da classe Superdotados e Talentosos, comigo e com Lilly, o que é a maior das piadas de uma classe, já que a sra. Hill, a encarregada do programa S & T na Albert Einstein, não dá a mínima para o que a gente faz, desde que a gente não faça muito barulho. Ela odeia ter que sair da sala dos professores, que fica bem do outro lado da sala dos S & T no corredor, para gritar com a gente.

De qualquer modo, todo mundo espera que Michael use o quinto período para trabalhar no seu e-zine, *Crackhead*. O pessoal espera que eu use o programa pra botar em dia meu dever de casa de álgebra.

Mas, de qualquer modo, a sra. Hill nunca aparece para ver o que a gente está fazendo em S & T, o que eu acho que é bom, porque a maior parte do que a gente está fazendo é trancar aquele novo garoto russo, que todo mundo diz que é um gênio musical, no almoxarifado, para não ter que ouvir mais Stravinsky naquele violino chato dele.

Mas ninguém pense que simplesmente porque estamos junto contra Boris Pelkowski e seu violino, Michael vai ficar calado sobre mamãe e o sr. G.

O que Michael continuava a dizer era:

“O que é que você vai fazer por mim, Thermopolis? O que é que você vai fazer por mim?”

Mas não há nada que eu possa fazer por Michael Moscovitz. Não posso me oferecer para fazer o dever de casa dele ou qualquer coisa. Michael está no último ano (exatamente como Josh Richter). Michael tirou nota 10 durante toda a vida (exatamente igual a Josh Richter). Ele provavelmente vai estudar em Yale ou Harvard no ano que vem (exatamente igual a Josh Richter).

O que é que eu poderia fazer por uma pessoa assim?

Não que Michael seja perfeito, nada disso. Ao contrário de Josh Richter, Michael não está na equipe de esportes da escola. Não está nem mesmo na turma de debate. Michael não acredita em esporte organizado ou em qualquer coisa organizada, por falar nisso.

Michael passa a maior parte do tempo em seu quarto. Uma vez perguntei a Lilly o que era que ele fazia lá, e ela disse que os pais dela adotam uma política tipo não pergunte, não conte nada, a respeito de Michael.

Aposto que ele está fabricando uma bomba. Talvez faça a Albert Einstein explodir como brincadeira de mau gosto de veterano.

Às vezes, Michael sai do quarto e faz comentários sarcásticos. Às vezes, quando faz isso, está nu da cintura para cima. Mesmo que não acredite em esporte organizado, notei que Michael tem um peito bem bonito. Os músculos da barriga dele são bem definidos.

Eu nunca disse isso a Lilly.

De qualquer modo, acho que Michael se encheu de eu me oferecer para fazer coisas, como levar pra passear o cachorrinho dele, Pavlov, e levar as latas vazias de Tab da mãe dele para o Gristedes e apanhar o dinheiro do depósito, que é uma de suas obrigações semanais. Isso porque Michael, no fim, simplesmente disse, naquele tom enjoado de voz: “Esqueça isso, tá bem, Thermopolis?” e voltou para o quarto.

Perguntei a Lilly por que ele estava tão zangado e ela respondeu ele vinha me provocando sexualmente, mas eu não notava.

Que coisa mais embaraçosa! Vamos supor que Josh Richter começasse algum dia a me provocar sexualmente (como eu ia gostar!) e eu não notasse? Deus do céu, às vezes sou mesmo burra.

De qualquer modo, Lilly disse que eu não me preocupasse se Michael ia contar aos amigos na escola

sobre minha mãe e o sr. uma vez que ele não tem amigos. E em 11

seguida Lilly quis saber por eu me importava que as narinas do sr. Gianini fossem tão destacadas, já que eu não sou a pessoa que tem que olhar para elas, mamãe é que tem.

E eu disse: “Pera aí, eu tenho que olhar pra elas das 9:55h às 10:55h e das 2:30h até 3:30h TODOS OS DIAS, menos nos sábados, domingos, feriados e nas férias. Isso se eu não levar pau e ficar em recuperação.”

E, se eles se casarem, vou ter que olhar para elas TODOS OS DIAS, SETE DIAS POR

SEMANA, E NOS FERIADOS E NAS FÉRIAS TAMBÉM.

Definir conjunto: coleção de objetos, elementos ou membros que pertencem a um conjunto.

A = {Gilligan, Skipper, Mary Ann}

a regra especifica cada elemento

A = {x/x é um dos náufragos na ilha Gilligan}

12

Sexta-feira, 26 de Setembro

LISTA DOS CARAS MAIS GOSTOSOS, PREPARADA POR LILLY MOSCOVITZ

(compilada durante a aula de Civilizações Mundiais, com comentários de Mia Thermopolis)

1. **Josh Richter** (concordo — 1,92 sem defeitos do que há de mais gostoso. Cabelos louros caindo muitas vezes sobre os olhos azul-claros e aquele sorriso doce, sonhador.

Único defeito: tem o mau gosto de namorar Lana Weinberger) 2. **Boris Pelkowski** (discordo totalmente. Simplesmente porque ele tocou aquele violino chato no Carnegie Hall quando tinha doze anos de idade, este fato não o torna gostoso.

Além disso, ele enfia o suéter da escola por dentro da calça, em vez de usar solto como toda pessoa normal)

3. **Pierce Brosnan**, o melhor James Bond que já houve (discordo - gosto muito mais de Timothy Dalton)

4. **Daniel Day Lewis**, no filme *O Último dos Moicanos* (concordo - ele continua vivo, aconteça o que acontecer)

5. **Príncipe William**, da Inglaterra (argh)

6. **Leonardo**, no filme *Titanic* (Como ele era! Isto é, em 1998) 7. **Sr. Wheaton**, o professor de educação física (gostoso, mas já tem dona. Visto abrindo a porta da sala dos professores para Mademoiseile Klein) 8. **Aquele cara usando jeans naquele cartaz gigantesco no Times Square** (concordo inteiramente. Quem **É** aquele cara? Deviam dar uma série de TV só pra ele) 9. **O namorado da Curandeira na série *Dr. Quinn*** (o que foi que aconteceu com ele?

Ele era gostoso!)

10. **Joshua Bell**, o violinista (concordo inteiramente. Seria tão legal namorar com um músico - desde que não fosse Boris Pelkowski).

Mais Tarde, na Sexta-feira

Eu estava tirando a medida dos meus seios e nem de longe pensando que minha mãe tinha saído com meu professor de álgebra quando meu pai telefonou. Não sei por quê, mas menti e disse a ele que mamãe estava no estúdio. O que era muito esquisito de minha parte, porque papai sabe que mamãe namora. Mas, por alguma razão, eu simplesmente não pude dizer nada a ele sobre o sr. Gianini.

Naquela tarde, durante minha sessão obrigatória de revisão da matéria com o sr.

Gianini, eu estava sentadinha praticando o método DEMONSTRAÇÃO POR

ABSURDO (primeiro, por fora, por dentro, por último; primeiro, por fora, por dentro, por último... Oh, meu Deus, quando, se algum dia, vou ter que usar o método DEMONSTRAÇÃO POR ABSURDO pra valer em minha vida? QUANDO???) e, de repente, o sr. Gianini disse: “Mia, tenho esperança de que você não se sinta, bem, constrangida, com o fato de eu sair socialmente com sua mãe.”

Apenas por alguma razão, e por um segundo, pensei que ele havia dito SEXUALMENTE, e não socialmente. E logo senti que meu rosto ficava quente, quente.

Quero dizer, como se eu estivesse QUEIMANDO. E eu disse: “Oh, não, sr. Gianini, eu não me incomodo, absolutamente.”

E o sr. Gianini disse: “Porque, se a incomodar, nós podemos conversar sobre esse assunto.”

Acho que ele deve ter compreendido que eu estava mentindo, já que eu tinha o rosto tão vermelho.

Mas tudo o que eu disse foi: “Pra dizer a verdade, não me incomoda. Quero dizer, me incomoda um POUCO, mas, pra dizer a verdade, tudo bem. Quero dizer, é simplesmente um namoro, não é? Por que eu devo ficar preocupada com uma bobagem de namoro?”

E foi nesse momento que o sr. Gianini disse: “Bem, Mia, não sei se vai ser uma simples bobagem. Eu gosto muito, mesmo, de sua mãe.”

E logo em seguida, nem mesmo sei como, mas de repente, ouvi eu mesma responder:

“É melhor que goste. Porque se o senhor fizer alguma coisa pra fazer ela chorar, eu lhe dou uma porrada nos cornos.”

Oh, meu Deus! Eu nem mesmo acredito que disse a palavra cornos a um professor! Meu rosto ficou ainda MAIS VERMELHO depois disso, o que eu jamais teria julgado possível. Por que é que a única vez em que posso dizer a verdade é quando isso vai me meter na certa numa encrenca?

Mas acho que estou me sentindo meio esquisita sobre essa situação toda. Talvez os pais de Lilly tenham razão.

O sr. Gianini, porém, ficou inteiramente calmo. Sorriu daquele jeito esquisito e disse:

“Eu não tenho a menor intenção de fazer sua mãe chorar, mas, se isso acontecer, você tem minha permissão para me dar uma porrada nos cornos.”

Então estava tudo Ok, mais ou menos.

De qualquer modo, papai pareceu muito esquisito ao telefone. Mas, também, ele sempre parece. Telefonemas transatlânticos me tiram do sério porque posso ouvir o mar se mexendo no fundo e isso me deixa toda nervosa, como se peixes estivessem escutando, ou coisa assim. Além disso, papai nem mesmo queria conversar comigo. Queria falar com mamãe. Acho que alguém morreu e ele queria que mamãe, com jeito, me desse a notícia.

Talvez tenha sido Grandmère. Hummmm...

Meus seios não cresceram absolutamente nada desde o último verão. Mamãe estava inteiramente errada. Eu não tive uma explosão de crescimento quando fiz quatorze anos, como ela. Eu provavelmente nunca vou ter uma explosão de crescimento, pelo menos não no peito. Só tive explosões de crescimento PARA CIMA e não PARA FORA. Eu sou agora a garota mais alta da classe.

Se alguém me tirar no Baile da Diversidade Cultural no mês que vem (isso mesmo, certo), não vou poder usar tomara-que-caia porque não há nada no meu peito pra segurar o vestido.

14

Sábado, 27 de Setembro

Eu estava dormindo quando mamãe voltou para casa do encontro com o namorado (fiquei acordada até quanto podia, porque queria saber o que havia acontecido, mas

acho que toda aquela medição me esgotou), de modo que não perguntei a ela como foi a coisa até esta manhã, quando entrei na cozinha para dar a ração de Fat Louie. Mamãe já estava de pé, o que era esquisito, porque em geral ela acorda mais tarde do que eu, e eu sou uma adolescente, e todo mundo espera que seja eu que durma o tempo todo.

Mas mamãe tem andado deprimida desde que descobriu que seu último namorado era republicano.

De qualquer modo, ela estava ali, cantarolando feliz e fazendo panquecas. Eu quase morri do choque de vê-la preparando, mesmo, alguma coisa tão cedo assim pela manhã, quanto mais uma coisa vegetariana.

Claro, ela se divertiu que foi uma coisa. Foram jantar no Monte‟s (nada de segunda classe para o sr. G!), passearam depois pelo West Village, foram para algum bar e ficaram sentados no jardim dos fundos até quase duas da matina, simplesmente conversando. Eu tentei mais ou menos descobrir se tinha havido alguns beijos, principalmente da variedade língua-dentro-da-boca, mas ela simplesmente sorriu e pareceu muito embaraçada.

Tudo bem. Vulgar.

Eles vão sair juntos novamente esta semana.

Acho que não me importo, se isso a faz tão feliz assim.

Hoje, Lilly vai mostrar uma cena do filme *A Bruxa de Blair* em seu programa na TV

Lilly Tells It Like It Is [Lilly Diz a Coisa Como a Coisa É]. *A Bruxa de Blair* é sobre uns garotos que entram no bosque à procura de uma feiticeira e acabam desaparecendo.

Deles só são encontrados alguns metros de filme e umas pilhas de gravetos. Apenas, em vez de *A Bruxa de Blair*, a versão de Lilly tem o título de *A Bruxa Verde*. A intenção de Lilly é levar uma câmera de mão até o Washington Square Park e filmar turistas que se aproximam de nós e perguntam se sabemos como se chega a Green Witch Village. (Na verdade, é Greenwich Village... mas a gente não deve pronunciar o *w* em *Greenwich*.

Mas, também, pessoas de fora da cidade sempre pronunciam o nome errado.) De qualquer modo, quando turistas se aproximarem e nos perguntarem como ir a Green Witch Village, a gente deve começar a gritar e fugir correndo apavorada. Tudo que vai sobrar de nós no fim, disse Lilly, vai ser uma pequena pilha de bilhetes de metrô. Lilly diz que depois que o programa for transmitido, ninguém mais vai pensar da mesma maneira nos bilhetes de metrô.

Eu disse que era uma pena que a gente não tivesse uma feiticeira de verdade. Pensei que a gente pudesse convencer Lana Weinberger a fazer esse papel, mas Lilly disse que isso seria usar um personagem real no papel. Além do mais, a gente teria que agüentar Lana o dia inteiro e ninguém quer isso. Isso se ela desse mesmo as caras, sabendo que ela nos considera as garotas mais impopulares da escola. Ela provavelmente não vai querer manchar sua reputação sendo vista em nossa companhia.

Mas, também, ela é tão fútil que provavelmente agarraria com unhas e dentes a oportunidade de aparecer na TV mesmo em um canal aberto ao público.

Terminadas as filmagens do dia, todas nós vimos o Cara Cego cruzando a Bleecker. Ele tinha uma nova vítima. Aquela turista alemã totalmente inocente não fazia a menor idéia de que o cego bondoso que estava ajudando a cruzar a rua iria boliná-la logo que chegassem do outro lado, e depois fingir que não havia feito isso de propósito.

15

Que sorte a minha! O único cara que me bolinou na vida (não que a gente sinta nada de especial) era CEGO.

Lilly disse que vai denunciar o Cara Cego ao 6° Distrito Policial. Como se eles fossem ligar pra isso. Eles têm coisas mais importantes com que se preocupar. Como prender assassinos.

COISAS PARA FAZER

1. Pegar a areia do gato

2. Fazer mamãe depositar o cheque do aluguel

3. Parar de mentir

4. Projeto para o trabalho de inglês

5. Pegar a roupa na lavanderia

6. Parar de pensar em Josh Richter

16

Sábado, 28 de Setembro

Papai ligou hoje e, desta vez, mamãe estava realmente no estúdio, de modo que não me senti mal por ter

mentido na noite passada e não ter contado a ele sobre o sr. Gianini.

Ele pareceu muito esquisito no telefone de novo, então perguntei: “Papai, vovó morreu?” Ele tomou um susto e disse: “Não, Mia, por que você pensaria numa coisa dessas?”

Eu disse que era porque ele parecia muito esquisito, e ele disse:

“Oh, eu não estou nada esquisito”, o que era uma mentira, porque ele parecia MESMO

esquisito. Mas resolvi deixar passar e falei a ele sobre a Islândia, porque a gente está estudando a Islândia em Civilizações Mundiais. A Islândia tem a taxa de alfabetização mais alta do mundo, porque o povo de lá não tem nada para fazer, apenas ler. E lá também existem aquelas fontes de água quente e todo mundo nada nelas. Uma vez, uma companhia de ópera foi à Islândia, todos os espetáculos tiveram lotação esgotada e cerca de 98 por cento da população compareceram. Todos conheciam as letras das óperas e passaram o dia inteiro cantando.

Eu gostaria de viver lá um dia. Parece um lugar divertido. Muito mais do que Manhattan, onde, às vezes, pessoas cospem em nós sem motivo.

Mas papai não pareceu tão impressionado assim com a Islândia. Acho que, na comparação, a Islândia faz todos os outros países parecerem chatos. Mas papai mora em um país muito pequeno. Acho que se a companhia de ópera fosse até lá, uns 80 por cento da população iriam assistir, o que seria certamente motivo de orgulho.

Eu só dei essa informação a ele porque ele é um político e achei que poderia lhe dar algumas idéias sobre como tornar as coisas melhores em Genovia, onde ele mora. Mas eu também acho que Genovia não precisa ser melhor do que é. A principal importação de Genovia é de turistas. Sei disso porque, na sétima série, tive que fazer uma redação sobre todos os países da Europa e Genovia empatava com a Disneylândia na renda gerada por turistas. Acho que é por isso que os habitantes de Genovia não têm que pagar imposto, O governo tem dinheiro suficiente. Esse lugar é chamado de principado. O

único lugar igual é Mônaco. Meu pai diz que a gente tem um bocado de primos em Mônaco, mas até agora não conheci nenhum deles, nem na casa de Grandmère.

Eu sugeri a papai que, no próximo verão, em vez de passar as Férias com ele no castelo Francês de Grandmère, em Miragnac, a gente vá para a Islândia. A gente teria que deixar Grandmère no castelo, claro. Ela odiaria a Islândia. Ela odeia qualquer lugar onde a gente não pode pedir um bom Sidecar, que é a bebida preferida dela, 24 horas por dia.

Tudo que papai disse foi: “A gente fala sobre isso outra hora”, e desligou.

Mamãe tem muita razão no que diz sobre ele.

Valor absoluto: a distância entre um dado número e o zero em uma série de números...

sempre positivo.

Segunda-feira, 29, S & T

Hoje observei o sr. Gianini com todo cuidado, procurando sinais de que ele poderia não ter gostado tanto do encontro com mamãe quanto ela. Mas, ele parecia estar de excelente humor. Durante a aula, quando estávamos aprendendo a fórmula da equação do segundo grau (o que foi que aconteceu com a DEMONSTRAÇÃO POR

ABSURDO? Eu estava justamente começando a compreender a coisa quando, de repente, aparece uma coisa NOVA. Não é de espantar que eu esteja levando pau), ele perguntou se alguém havia se apresentado para um papel no musical de outono da escola, *My Fair Lady*.

Em seguida, da maneira de quando fica empolgado com alguma coisa, ele disse o seguinte: „Vocês querem saber quem seria uma boa Eliza Doolittle? Mia, acho que você seria ótima para o papel.”

Eu pensei que fosse morrer na hora. Acho que o sr. Gianini só queria ser bonzinho quero dizer, ele está namorando com minha mãe, afinal de contas — mas estava TÃO

por fora. Em primeiro lugar porque, claro, já fizeram audições para escolha da menina que vai fazer a personagem, e mesmo que eu tivesse me apresentado para um papel (o que eu não podia fazer, porque estou levando bomba em álgebra, alô, sr. Gianini, o senhor se lembrou disso?) eu NUNCA o teria conseguido, quanto mais o PAPEL

PRINCIPAL. Eu não sei cantar. E mal consigo *falar*.

Nem Lana Weinberger, que sempre ganhava o papel principal na escola, conseguiu. O

papel foi dado a uma veterana. Lana faz o papel de uma empregada doméstica, uma espectadora nas Corridas de Ascot e uma prostituta londrina. Lilly é a gerente da casa.

O trabalho dela é ligar e desligar as luzes durante os intervalos.

Fiquei tão apavorada com o que o sr. Gianini disse que não consegui dizer nada. Fiquei simplesmente sentada no meu lugar e senti que estava ficando toda vermelha. Talvez esse tenha sido o motivo por quê, quando Lilly e eu passamos por meu armário na hora do almoço, Lana, que estava ali esperando por Josh, disse com a voz mais melosa possível, “Oh, olá, *Amelia*”, embora ninguém me chame de Amelia (exceto Grandmère) desde o jardim-de-infância, quando eu pedi a todo mundo que não me chamasse por esse nome.

Quando me curvei para tirar o dinheiro da mochila. Lana deve ter dado uma boa olhada pelo decote de minha blusa, porque, de repente, começou a falar: “Oh, que lindo. Estou vendo que você ainda não pode usar sutiã. Posso sugerir Band-Aids?”

Eu devia ter partido para a briga e dado um soco na cara dela — bem, provavelmente, não; os drs. Moscovitz dizem que eu tenho problemas em questões de confronto — se Josh Richter não tivesse passado por ali NAQUELE EXATO MOMENTO. Tenho certeza de que ele ouviu muito bem, mas tudo que disse foi: “Dá licença?”, para Lilly, que estava bloqueando o caminho dele para o armário.

Eu estava disposta a deixar passar, ir para a lanchonete e esquecer tudo aquilo — Deus, é só o que faltava, minha

falta de seios mencionada bem em frente de Josh Richter! —mas Lilly não se conformou. Ficou toda vermelha e disse a Lana: “Por que você não faz um favor à gente, vai se enroscar em algum canto e morre, Weinberger?”

Bem, ninguém diz a Lana Weinberger para ir se enroscar em algum canto e morrer.

Quero dizer, ninguém mesmo. Não, se não quiser seu nome escrito em todas as paredes do banheiro das meninas. Não que isso fosse uma coisa horrível — quero dizer, nenhum garoto ia ver isso no sanitário das meninas —, mas eu gosto de manter, na maior parte do tempo, meu nome longe de paredes.

18

Mas Lilly não se importa com essas coisas. Quero dizer, ela é baixota, meio gorda e parece uma espécie de cachorrinho pug, mas não dá a mínima bola para sua aparência.

Quero dizer, ela tem seu próprio programa de TV caras ligam para ela o tempo todo e dizem que a acham horrível, e pedem para ela levantar a saia (*ela* tem peito, já usa sutiã), mas ela simplesmente morre de rir.

Lilly não tem medo de nada.

Então, quando Lana Weinberger partiu pra cima dela por ter mandado que ela se enroscasse em algum canto e morresse, Lilly simplesmente olhou-a bem na cara como se estivesse dizendo: “Morda, se tem coragem.”

A coisa poderia ter se transformado em uma briga de garotas gigantes — Lilly assistiu a todos os episódios de

Xena, a Princesa Guerreira, e pode lutar com os pés como ninguém—, se Josh não tivesse fechado a porta do armário com força e dito “Estou lá fora” de um jeito enjoado. Nesse momento, Lana desistiu da briga e saiu correndo atrás dele, dizendo: “Josh, espere. Espere, Josh!”

Lilly e eu ficamos uma olhando para a outra, como se a gente não pudesse acreditar. Eu ainda não posso. Quem são essas pessoas e por que eu tenho que ficar presa com elas todos os dias?

DEVER DE CASA

Álgebra: problemas 1-12, pág. 79

Inglês: projeto

Civilizações Mundiais: questões no fim do Capítulo 4

S & T: nenhum

Francês: usar *avoir* em uma frase negativa, ler lições um a três, *pas de plus* Biologia: nenhuma

B = {x/x é um número inteiro}

D = {2, 3, 4}

4ED

5ED

E = {x/x é um número integral maior que 4 mas menor do que 258}

Terça-feira, 30 de Setembro

Aconteceu uma coisa muito esquisita. Voltei da escola para casa e encontrei mamãe (ela geralmente passa o dia no estúdio durante a semana). Tinha uma expressão estranha no rosto e, em seguida, começou: “Preciso ter uma conversa com você.”

Ela não estava mais cantarolando e nem havia cozinhado nada, então tive certeza de que era coisa séria.

Eu andava com alguma esperança de que Grandmère tivesse morrido, mas sabia que tinha que ser coisa muito pior do que isso, e fiquei preocupada, pensando que alguma coisa havia acontecido com Fat Louie, como se ele tivesse engolido outra meia. Na última vez que ele fez isso, o veterinário cobrou mil dólares para tirar a meia do intestino delgado dele e ele andou pela casa com uma expressão estranha no rosto durante quase um mês.

Fat Louie, quero dizer. Não o veterinário.

Mas descobri que a coisa nada tinha a ver com meu gato. Era sobre papai. A razão por que ele havia continuado a telefonar era que queria nos dizer que tinha acabado de descobrir que, por causa de um câncer, não poderia ter mais filhos.

Câncer é uma coisa assustadora. Por sorte, o tipo de câncer que meu pai tinha era fácil de curar. Os médicos tiveram apenas que cortar a parte cancerosa e, em seguida, ele passou a fazer quimioterapia e, após um ano, mais ou menos, o câncer não voltou.

Infelizmente, a parte que haviam cortado era o...

Não gosto nem de escrever isso.

O *testículo*.

VULGAR!

Acontece que, quando o cara tem um dos testículos removido e em seguida faz quimioterapia, é muito grande a probabilidade de se tornar estéril. E era isso que meu pai tinha acabado de descobrir.

Mamãe disse que ele está realmente arrasado. E que vamos ter que ser muito compreensivas com ele agora, porque homens têm necessidades e uma delas é a de sentir que é capaz de fazer filhos.

O que eu não compreendi foi: qual é o grande problema? Para que ele quer mais filhos?

Ele já me tem! Claro, eu só o vejo no Natal e nos verões, mas isso é suficiente, não é?

Quero dizer, ele anda muito ocupado governando Genovia. Não é brincadeira fazer com que um país inteiro, mesmo que só tenha uns dois quilômetros de comprimento, funcione direitinho. A única coisa para a qual ele tem tempo, depois de mim, são as namoradas dele. Ele sempre tem uma nova namorada. No verão, quando vamos para o castelo de Grandmère na França, ele sempre leva a moça da vez. Elas ficam sempre babando com as piscinas, as cocheiras, a cachoeira, os 27 quartos, o salão de baile, a adega, a fazenda e a pista de pouso.

Uma semana depois, manda a moça passear.

Eu não sabia que ele queria casar com uma delas e ter filhos.

Quero dizer, ele nunca se casou com minha mãe. Minha mãe diz que isso aconteceu porque, na época, ela rejeitava os costumes burgueses de uma sociedade que nem mesmo aceitava as mulheres como iguais aos homens e se recusava a reconhecer os direitos dela como pessoa.

Eu sempre pensei que meu pai talvez nunca a tivesse pedido em casamento.

De qualquer modo, ela me disse que papai chega amanhã a Nova York de avião para conversar comigo sobre esse assunto. Não sei por quê. Quero dizer, o assunto nada tem a ver comigo. Mas quando eu disse a ela: “Por que papai tem que voar essa distância 20

toda até aqui para conversar comigo sobre o fato de que não pode ter filhos?”, ela ficou novamente com aquela expressão estranha, começou a dizer alguma coisa, mas depois parou.

Em seguida, disse, simplesmente: “Você vai ter que perguntar a seu pai.”

Isso não é nada bom. Mamãe só diz “Pergunte a seu pai” quando eu quero saber alguma coisa que ela não tem vontade de me dizer, como o motivo por que pessoas matam às vezes os próprios filhos e por que os americanos comem tanta carne vermelha e lêem muito menos do que os habitantes da Islândia.

Nota para mim mesma: Procure no dicionário as palavras *procriador*, *onipotente* e *costumes.*

lei distributiva

5x+ Sy—5

5(x + y— 1)

Distribuir O QUÊ??? DESCUBRA ANTES DO TESTE!!!

21

Quarta-feira, 1º de Outubro

Meu pai está aqui. Bem, não aqui no sótão. Está hospedado no Plaza, como sempre.

Devo visitá-lo amanhã, depois de ele ter “repousado”. Meu pai repousa um bocado agora que teve câncer. Deixou também de jogar pólo. Mas acho que isso aconteceu porque um cavalo pisou nele uma vez.

De qualquer maneira, eu odeio o Plaza. Na última vez que meu pai esteve lá, não me deixaram subir porque eu estava usando short. A dona do lugar estava lá, disseram, e ela não gosta de ver pessoas seminuas na recepção do seu luxuoso hotel. Tive que ligar para meu pai de um telefone e pedir a ele que me trouxesse uma calça comprida. Ele me disse apenas que botasse a recepcionista na linha, e de repente todo mundo estava me pedindo desculpas, como uns malucos. Deram-me uma grande cesta cheia de frutas e chocolates. Legal. Mas eu não queria as frutas, então dei tudo a um morador de rua que vi no metrô em meu caminho de volta ao Village. Eu acho que ele também não queria as frutas, porque jogou tudo na calçada e ficou só com a cesta para usar como chapéu.

Contei a Lilly o que meu pai havia dito, que não podia mais ter filhos, e ela disse que aquilo era muito impressionante. Ela achou que o fato revelava que meu pai ainda tinha problemas não resolvidos com os pais dele, e eu respondi: “Humm, ahn. Grandmère é um saco.”

Lilly disse que meu pai talvez esteja com medo de perder a juventude, o que para muitos homens é igual a perder a virilidade. Eu penso mesmo que deviam passar Lilly para uma classe mais adiantada, mas ela diz que gosta de ser caloura. Diz ainda que, dessa maneira, vai ter quatro anos inteiros para fazer observações sobre a condição de adolescente na América Pós-Guerra Fria.

A PARTIR DE HOJE, EU...

1. Serei legal com todas as pessoas, goste delas ou não

2. Deixarei de mentir o tempo todo sobre meus sentimentos 3. Nunca mais esquecerei meu caderno de álgebra

4. Guardarei para mim mesma meus comentários

5. Não escreverei mais minhas notas de álgebra neste diário A terceira potência de x é chamada de cubo de x — números negativos não têm raiz quadrada

22

Notas de S&T

Lilly — Eu não consigo agüentar isso. Quando é que ela vai voltar para a sala das professoras?

Talvez nunca. Ouvi dizer que estavam lavando o carpete hoje. Deus, ele é tão

BONITINHO.

Quem é bonitinho?

BORIS!

Ele não é bonitinho. Ele é vulgar. Veja só o que ele faz com o suéter dele. Por que é que ele FAZ isso?

Você tem mentalidade estreita.

Eu NÃO tenho mentalidade estreita. Mas alguém deve dizer a ele que, nos Estados Unidos, a gente não enfia o suéter na calça.

Bem, na Rússia talvez façam isso.

Mas isto aqui não é a Rússia. Além disso, alguém deve dizer a ele para aprender uma nova canção. Se eu tiver que ouvir mais uma vez aquele réquiem ao falecido Rei Como-

É-o-Nome-Dele...

Você está apenas com ciúmes porque Boris é um gênio musical e você está levando

pau em álgebra.

Lilly, estar levando pau em álgebra NÃO significa que eu sou burra.

OK, OK. O que há de errado com você hoje?

NADA!!!!

inclinação: a inclinação de uma linha chamada de m é m = y^2-y^1

x^2-x^1

Encontrar a equação de uma linha com inclinação = 2

Encontrar o grau de inclinação das narinas do sr. G

23

Quinta-feira, 2 de Outubro

Banheiro Feminino no Plaza

Hotel

Bem...

Acho que agora sei por que meu pai está tão preocupado por não ser mais capaz de ter filhos.

PORQUE ELE É UM PRÍNCIPE!!!

Meu Deus! Por quanto tempo eles pensavam que poderiam esconder isso de mim?

Embora, pensando bem, tenham conseguido fazer isso por muito tempo. Quero dizer, ESTIVE em Genovia. Miragnac, aonde vou todos os verões, e também na maioria dos Natais, é o nome da casa de minha avó na França. Ela fica, na verdade, na fronteira com a França, bem perto de Genovia, que fica entre a França e a Itália. Eu vou a Miragnac desde que nasci. Mas nunca com minha mãe. Só com meu pai. Minha mãe e meu pai nunca moraram juntos. Ao contrário de um monte de garotas que conheço, que vivem desejando que seus pais voltem a viver juntos depois de terem se divorciado, eu

me sinto perfeitamente feliz com esse arranjo. Meus pais se separaram antes de eu nascer, embora tenham mantido sempre relações amigáveis. Isto é, exceto quando meu pai está mal-humorado, ou quando minha mãe está pelo avesso, como acontece de vez em quando. Acho que as coisas piorariam muito, se morassem juntos.

De qualquer modo, Genovia é o lugar aonde minha avó me leva para comprar roupas ao fim de todos os verões, quando fica cansada de olhar para minhas roupas. Mas ninguém lá jamais disse algo como meu pai ser um PRÍNCIPE.

Agora me lembro que, há uns dois anos, fiz um dever sobre Genovia e copiei o nome da família real, que é Renaldo. Mas mesmo nessa ocasião não liguei o nome da família ao do meu pai. Sei que o nome dele é Phillipe Renaldo. Mas o nome do príncipe de Genovia estava listado, na enciclopédia que consultei, como Artur Christoff Phillipe Gerard Grimaldi Renaldo.

E aquela foto dele devia ser muito velha, velha. Papai já não tinha mais cabelo nenhum antes de eu ter nascido (de modo que, quando fez quimioterapia, não dava nem pra ver, por ele já ser praticamente careca). A foto do príncipe de Genovia mostrava alguém com UM BOCADO de cabelo, costeleta e até bigode.

Agora posso entender por que minha mãe se apaixonou por ele, naquele tempo em que ela estava na faculdade. Ele tinha alguma coisa de um Baldwin.

Mas um PRÍNCIPE? De um PAÍS inteiro? Isto é, eu sabia que ele estava na política e, claro, que ele tinha dinheiro... Quantas garotas de minha escola têm casas

de verão na França? Em Martha‟s Vineyard, talvez, mas não na França... Mas um PRÍNCIPE?

Então, o que eu quero saber é o seguinte: se meu pai é um príncipe, por que eu tenho que aprender álgebra?

Estou falando sério.

Não acho que tenha sido uma boa idéia de papai me dizer na Palm Court, no Plaza, que era um príncipe. Em primeiro lugar, quase tivemos uma reencenação do incidente com o short. No início, o porteiro não quis nem me deixar entrar. Ele disse: “Nenhum menor de idade sem companhia de um adulto”, o que acabava com toda aquela xaropada do filme *Esqueceram de mim 2*, certo?

E eu só dizia: “Mas, eu vim aqui para me encontrar com meu pai...”

24

“Nenhum menor de idade”, repetiu o porteiro, “sem companhia de um adulto.”

Isso parecia totalmente injusto. Eu nem estava usando short. Estava vestida com meu uniforme da Albert Einstein. Quero dizer, saia plissada, meias pelos joelhos, a coisa toda. Tudo bem, eu talvez estivesse usando Doc Martens, mas, ora vamos! Eu ERA praticamente aquela garota Eloise, que supostamente mandava e desmandava no Plaza.

Finalmente, depois de ficar em pé ali durante quase meia hora, dizendo o tempo todo

“Mas meu pai... mas meu pai... mas meu pai...”, a recepcionista apareceu e perguntou:

“Quem é o seu pai, mocinha?”

Logo que eu disse o nome, ela me deixou entrar. Acho que isso foi porque até ELES

sabiam que ele era um príncipe. Mas à filha dele, à própria filha dele, ninguém dizia isso!

Encontrei papai à minha espera numa mesa. Todo mundo acha que chá no Plaza é um negócio importante à beça. Vocês deviam ver todos aqueles turistas alemães batendo fotos uns dos outros enquanto comiam bolinhos de aveia com chocolate. De qualquer modo, eu ficava toda animada quando era menininha e, como meu pai se recusa a acreditar que 14 anos não é mais idade de menininha, a gente ainda se encontra lá quando ele está na cidade. Oh, a gente também vai a outros lugares. Por exemplo, a gente sempre vai assistir a *A Bela e a Fera*, meu eterno musical favorito da Broadway.

Não dou a mínima para o que Lilly diz sobre Walt Disney e sua suposta aversão a mulheres. Eu vi a peça sete vezes.

E meu pai também. A parte favorita dele é quando aparecem os garfos dançantes.

De qualquer modo, a gente estava ali tomando chá e ele começa a me dizer em uma voz muito séria que ele é o príncipe de Genovia e que essa coisa terrível acontece: Começo a ter soluços.

Isso só acontece quando bebo alguma coisa quente e como pão depois. Não sei por quê.

Isso nunca aconteceu antes no Plaza, mas, de repente, meu pai começou a falar assim:

“Mia, eu quero que você saiba a verdade. Acho que você já tem idade suficiente agora e o fato é o seguinte: agora que eu não posso mais ter filhos, esta situação vai produzir um impacto enorme em sua vida e é apenas justo que eu lhe diga. Eu sou o príncipe de Genovia.”

E tudo que eu disse foi: “É mesmo, papai?” *Soluço*.

“Sua mãe sempre acreditou sinceramente que não havia nenhuma razão para você saber isso e eu concordei com ela. Eu tive uma infância.., bem, muito insatisfatória...”

E ele não estava brincando. Viver com Grandmère não podia, de jeito nenhum, ter sido um piquenique. *Soluço*.

“Concordei com sua mãe que um palácio não é lugar para se criar uma menina.” Logo depois ele começou a resmungar consigo mesmo, o que sempre acontece quando digo a ele que sou vegetariana ou surge o assunto de mamãe. “Claro, na ocasião eu não pensava que ela tivesse a intenção de criar você no sótão de uma artista boêmia em Greenwich Village, mas reconheço que isso não parece ter lhe causado qualquer mal.

Para dizer a verdade, acho que crescer na cidade de Nova York instilou em você um sadio volume de ceticismo sobre a raça humana em geral...”

Soluço. E ele nem conhecia Lana Weinberger.

“...que é algo que só adquiri na faculdade e que acredito ser responsável, em parte, pelo fato de eu ter tanta dificuldade em estabelecer relacionamentos interpessoais íntimos com mulheres...”

Soluço.

“O que estou querendo dizer é que sua mãe e eu pensamos que, não lhe dizendo nada, estávamos lhe fazendo um favor. O fato é que nunca imaginamos que poderia surgir uma situação na qual você poderia ascender ao trono. Eu tinha apenas vinte e cinco anos 25

quando você nasceu. Eu tinha certeza de que ia conhecer outra mulher, casar com ela, e ter mais filhos. Mas agora, infelizmente, isso nunca vai acontecer. De modo que o fato é que você, Mia, é a herdeira do trono de Genovia.”

Tive outro soluço. A coisa estava ficando embaraçosa. Não eram soluços bonitinhos de mocinha educada. Eram enormes e faziam meu corpo todo pular da cadeira como se eu fosse algum tipo de rã de 1,80 de altura. Eles eram altos também. Quero dizer, altos mesmo. Os turistas alemães continuavam a olhar para nós, soltando risinhos e fazendo outras coisas. Eu sabia que aquilo que papai me dizia era supersério, mas não podia controlar os soluços. Simplesmente, continuava a soluçar! Tentei prender a respiração e contar até trinta...

Só cheguei até dez, antes de soluçar de novo. Botei um cubo de açúcar em cima da língua e deixei que se dissolvesse ali. De nada adiantou. Tentei pregar um susto em mim mesma, pensando em minha mãe e o sr. Gianini em um beijo de língua— nem isso funcionou.

Finalmente, papai disse: “Mia? Mia, você está me ouvindo? Ouviu alguma palavra do que eu disse?”

Eu disse: “Papai, você pode me dar licença por um minuto?”

Ele pareceu magoado, como se o estômago lhe doesse, e voltou a se afundar na cadeira, daquele seu jeito de derrotado, mas disse:

“Pode ir”, e me deu cinco dólares para dar à servente do banheiro, que eu, claro, guardei para mim. Cinco dólares para a servente! Meu Deus, minha mesada inteira é de dez dólares por semana!

Não sei se você já esteve alguma vez no banheiro feminino do Plaza, mas é, com certeza, o mais legal de Manhattan. É todo cor-de-rosa, com espelhos e pequenos sofás por todos os lados, para o caso de a gente se olhar e sentir ânsia de desmaiar por causa de nossa beleza ou qualquer coisa assim. Entrei batendo a porta, soluçando feito uma louca, e todas aquelas mulheres em seus penteados chiques ergueram os olhos, aborrecidas com a interrupção. Acho que fiz com que elas borrassem o batom ou alguma outra coisa.

Fui até um dos reservados, cada um dos quais, além do vaso, tem uma pia particular com um espelho enorme e uma penteadeira com uma banqueta com borlas pendentes.

Sentei-me no vaso e concentrei-me não em não soluçar mais, mas apenas no que meu pai havia dito.

Ele é o príncipe de Genovia.

Nesse momento, um monte de coisas começou a fazer sentido. Como, por exemplo, quando eu viajava de avião para a França, entrava pelo terminal, mas, quando chegava lá, era escoltada para fora do avião antes de todo mundo e embarcava numa limusine para ir ao encontro dele em Miragnac.

Eu sempre pensei que isso acontecesse porque ele tinha privilégios de viajante habitual na companhia.

Agora acho que era porque ele é príncipe.

E também o fato de que sempre que Grandmère me levava às compras em Genovia isso acontecia antes ou depois do expediente das lojas. Ela telefonava antes para que houvesse gente à nossa espera e jamais alguém disse não. Em Manhattan, se minha mãe tentasse fazer isso, as vendedoras da Gap teriam morrido de rir.

E quando estou em Miragnac nós nunca saímos para jantar em algum lugar. Sempre fazemos as refeições no castelo ou, às vezes, em outro castelo próximo, Mirabeau, de propriedade de um daqueles nojentos britânicos que têm um monte de filhos esnobes, que dizem coisas como “Isso é podre” ou „Você é um punheteiro”. Uma das meninas mais novas, Nicole, era meio minha amiga, mas, uma noite, ela me contou que estava 26

fazendo amor francês com um garoto francês, e eu não sabia o que era amor francês. Eu só tinha 11 anos nessa época, o que não é desculpa, porque ela também só tinha 11. Eu simplesmente pensava que amor francês era alguma esquisitice britânica, como gafanhoto frito, ataques aéreos ou coisa assim. E falei nisso na mesa do jantar, na frente dos pais de Nicole, e daí em diante nenhuma das crianças falou mais comigo.

Eu bem que gostaria de saber se os britânicos sabem que meu pai é o príncipe de Genovia. Aposto que sabem. Deus, eles devem ter pensado que eu era retardada ou coisa parecida.

A maioria das pessoas nunca ouviu falar em Genovia. Sei que quando tivemos que fazer nossas pesquisas, nenhum dos garotos sabia que país era esse. Nem minha mãe, é o que ela diz, antes de conhecer meu pai. Ninguém famoso nasceu nesse lugar. E quem nasceu lá

jamais inventou alguma coisa, escreveu alguma coisa ou se tornou astro ou estrela do cinema. Muitos genovianos, como meu avô, lutaram contra os nazistas na II Guerra Mundial, mas, fora isso, não são realmente conhecidos por coisa nenhuma.

Ainda assim, pessoas que ouviram falar em Genovia adoram ir lá porque o lugar é belíssimo, com sol quase o tempo todo, com os Alpes cobertos de neve lá nos fundos e o Mediterrâneo cristalino bem na frente. O país tem um monte de colinas, algumas delas tão inclinadas quanto as de San Francisco e a maioria com oliveiras crescendo nos lados. O principal produto de exportação de Genovia, lembro por causa do meu trabalho de pesquisa, é azeite de oliva, o tipo caro pra caramba que mamãe só usa para temperar salada.

Lá há também um palácio. É mais ou menos famoso porque foi usado uma vez co mo cenário de um filme, um filme sobre os três mosqueteiros. Eu nunca estive lá, mas passamos de carro por fora, eu e Grandmère. O palácio tem todas aquelas torretas, contrafortes avançados, esse tipo de coisa.

Estranho que Grandmère nunca tenha dito, quando a gente passava de carro por lá, que morou ali em outros tempos.

Meus soluços sumiram. Acho que posso voltar sem medo a Palm Court.

Vou dar um dólar à atendente do sanitário, mesmo que ela não tenha me atendido.

Ei, eu tenho dinheiro para dar uma de mão-aberta: meu pai é príncipe!

27

Mais tarde, na Mesma Quinta-

feira

Casa dos Pingüins, Zoológico

do Central Park

Estou com tanto medo que mal consigo escrever. Além disso, pessoas continuam a esbarrar no meu cotovelo e aqui é escuro, mas tanto faz. Tenho que escrever exatamente o que aconteceu. Senão, quando acordar amanhã, posso pensar que foi apenas um pesadelo.

Mas não foi um pesadelo. Foi REAL.

Não vou contar a ninguém, nem mesmo a Lilly. Lilly NÃO compreenderia. NINGUÉM

entenderia. Porque ninguém que conheço jamais esteve antes nesta situação. Ninguém foi dormir uma noite como uma pessoa e acordou na manhã seguinte descobrindo que era alguém inteiramente diferente.

Quando voltei para nossa mesa, depois dos soluços no banheiro das mulheres no Plaza, notei que os turistas alemães haviam sido substituídos por japoneses. O que era um avanço. Os japoneses são muito mais tranqüilos. Quando sentei, papai falava ao celular.

Com minha mãe, descobri logo. Ele tinha aquela expressão que só usa quando fala com ela. E dizia: “Sim, contei a ela. Não, ela não parece nervosa.” Olhou para mim: “Você está perturbada?”

Eu disse: “Não”, porque não estava... não naquele MOMENTO.

Ele continuou ao telefone: “Ela disse que não.” Escutou por um minuto e em seguida voltou a me olhar. “Você quer que sua mãe venha aqui para ajudar a explicar as coisas?”

Sacudi a cabeça. “Não. Ela tem que terminar a aquela peça de vários estilos para a Kelly Tate Gallery. A galeria quer a peça na próxima semana.”

Papai repetiu essas palavras para minha mãe. Ouvi ela resmungar alguma coisa em resposta. Ela sempre resmunga quando lembro a ela que tem que entregar quadros em uma certa data. Mamãe gosta de trabalhar quando as musas dão uma ajudinha. Uma vez que papai paga a maioria de nossas contas, isso geralmente não é problema, mas também não é uma maneira muito responsável de um adulto se comportar, mesmo que seja uma pintora. Juro que, se um dia for apresentada às musas de minha mãe, dou uns chutes tão rápidos nas togas delas que elas nem saberão quem foi que bateu nelas.

Finalmente, papai desligou e me olhou. “Está melhor?”, perguntou.

De modo que, afinal de contas, acho que ele notou os soluços. “Estou”, respondi.

„Você está entendendo realmente o que estou lhe dizendo, Mia?”

Inclinei a cabeça: “Você é o príncipe de Genovia.”

“Sim, sou...”, disse ele, como se houvesse mais.

Eu não sabia mais o que dizer. Então tentei: “Grandpère era o príncipe de Genovia antes de você?”

“Era”, disse ele.

“De modo que Grandmère é... o quê?”

“A princesa-viúva.”

Eu me encolhi toda. Uau. Isso explicava um bocado de coisas sobre Grandmère.

28

Papai poderia dizer nesse momento que eu estava desnorteada. Ele continuava a me olhar, parecendo muito esperançoso. Finalmente, depois de tentar apenas sorrir inocentemente para ele durante um tempo, e não conseguindo, me afundei na cadeira e perguntei:

“OK. E daí?”

Ele pareceu desapontado. “Mia, será que você não sabe?”

Eu estava com a cabeça em cima da mesa. Ninguém espera que alguém faça isso no Plaza, mas eu também não havia notado que Ivana Trump estava olhando em nossa direção. “Não...”, disse. “Acho que não. Saber o quê?”

„Você não é mais Mia Thermopolis, querida”, disse ele. Por ser filha natural e minha mãe não acreditar no que chama de culto do patriarcado, ela me botou o nome de solteira dela, em vez do nome de papai.

Levantei a cabeça da mesa ao ouvir essas palavras. “Não sou?”, perguntei, piscando algumas vezes. “Neste caso, quem sou eu?”

E ele continuou a falar, bondosa e tristemente: “Você é Amelia Mignonette Grimaldi Thermopolis Renaldo, Princesa de Genovia.”

OK.

O QUÊ? PRINCESA? EU???

É isso aí. Certo.

É assim que NÃO sou princesa. Tanto NÃO sou que, quando meu pai começou a me dizer que eu era, comecei a chorar desesperadamente. Vi meu reflexo no grande espelho dourado, do outro lado do salão, e eu tinha o rosto todo inchado, como acontece na Educação Física quando a gente joga queimado e leva uma bolada na cara. Olhei para meu rosto naquele espelho enorme, vi o que era e perguntei a mim mesma: Isso é cara de princesa?

Você devia ter visto com que eu parecia. Nunca veria uma pessoa que parecesse MENOS princesa do que eu. Quero dizer, meu cabelo é muito ruim, nem liso nem ondulado. É meio triangular, de modo que tenho que cortá-lo bem curto ou pareço um espantalho. E nem é louro nem escuro, fica no meio-termo, o tipo de cor que chamam de cor de rato, ou louro-água-suja. Atraente, ahn? E tenho um bocão e tanto, nenhum peito e pés que parecem esquis. Lilly diz que meu único aspecto atraente está nos olhos, que são cinzentos, mas naquele exato momento estavam apertados e vermelhos porque eu fazia força para não chorar.

O que quero dizer é que princesas não choram, certo?

Nesse momento, papai estendeu o braço e começou a alisar minha mão. Ok, eu amo papai, mas ele simplesmente não tinha idéia do que fazer. Continuava a dizer que sentia muito. Eu não podia responder porque tinha medo de que, se falasse, ia chorar ainda mais. Ele continuou, dizendo que a situação não era tão ruim assim, que eu gostaria de morar no palácio em Genovia com ele, e que eu poderia voltar quando quisesse para visitar meus amiguinhos.

Foi aí que não entendi mais nada.

Eu não só era uma princesa, mas teria que me MUDAR???

Parei de chorar quase imediatamente. Porque nesse momento fiquei realmente com raiva. Realmente furiosa. Eu não fico zangada com freqüência, porque tenho medo de briga e tudo mais, mas quando viro bicho é melhor sair da frente.

“Eu NÃO vou me mudar para Genovia”, disse, em voz bem alta. Sei que era alta porque todos os turistas japoneses se viraram e olharam para mim e, em seguida, começaram a conversar baixinho entre si.

Papai pareceu meio chocado. A última vez que gritei com ele foi há anos, quando ele concordou com Grandmère que eu devia comer um pouco de foie gras. Não dou a 29

mínima se isso é comida fina na França. Eu não vou comer coisa nenhuma que andava e grasnava.

“Mas, Mia”, disse papai naquele tom de voz vamos-ser-sensatos, “eu pensei que você havia compreendido...”

“Tudo que eu compreendi”, respondi, “foi que você mentiu pra mim durante toda a vida. Por que eu deveria ir morar com você?”

Entendi logo que esta era a coisa inteiramente errada pra se dizer, e lamento não ter pedido desculpa. Levantei bem rápido, joguei a cadeira dourada para trás e saí correndo dali quase derrubando o porteiro metido a besta.

Acho que papai tentou me seguir, mas eu corro bem rápido quando quero. O sr.

Wheeton vive tentando me convencer a entrar na equipe de atletismo da escola, mas isso até parece piada, porque odeio correr sem motivo. Uma letra numa camiseta idiota não é motivo para correr, pelo menos para mim.

De qualquer modo, saí correndo para a rua, passei por aquelas estúpidas charretes usadas por turistas, passei pela grande fonte com as estátuas douradas dentro, passei por todo o tráfego na porta da F.A.O. Schwarz, e entrei no Central Park, que estava ficando meio escuro, frio, fantasmagórico e coisas assim, mas não me importei. Ninguém ia me atacar, porque eu era uma menina de 1,80 de altura, correndo com botas de combate e uma grande mochila nas costas com adesivos como APÓIE O GREENPEACE e EU

BRIGO PELOS ANIMAIS. Ninguém se mete com uma moça usando botas de combate, principalmente quando ela também é vegetariana.

Depois de algum tempo, cansei de correr e tentei pensar aonde poderia ir, uma vez que não estava ainda na hora de voltar para casa. Eu sabia que não podia ir para a

casa de Lilly. Ela é inteiramente contra toda forma de governo que não seja do povo, exercido diretamente ou através de representantes eleitos. Ela sempre diz que, quando a soberania é investida em uma única pessoa, cujo direito de governar é hereditário, perdem-se irrevogavelmente os princípios de igualdade social e respeito pelo indivíduo na comunidade. É esse o motivo por que o poder autêntico passou de monarcas reinantes para assembléias constitucionais, tornando figuras da realeza, como a Rainha Elizabeth, meros símbolos da unidade nacional.

Pelo menos foi isso o que ela disse um dia destes na prova oral de Civilizações Mundiais.

E eu acho que concordo um pouco com Lilly, especialmente sobre o Príncipe Charles

— ele tratou mesmo Diana como se ela fosse lixo —, mas meu pai não é assim. Sim, ele joga pólo e tudo mais, mas nunca sonharia em sujeitar alguém à taxação sem representação.

Mesmo assim, eu tinha quase certeza de que o fato de o povo de Genovia não ter que pagar impostos não ia fazer a mínima diferença para Lilly.

Eu sabia que a primeira coisa que papai faria seria ligar para mamãe, e ela ficaria preocupada. Odeio causar preocupações à mamãe. Mesmo que ela possa ser irresponsável às vezes, isso só acontece com coisas como contas a pagar e compras no supermercado. Ela nunca é irresponsável comigo. Eu tenho amigas cujos pais, às vezes, nem se lembram de dar a elas dinheiro para o metrô. Tenho amigas que dizem aos pais que vão para o apartamento de fulaninha e que, em vez disso,

saem para encher a cara e os pais nem desconfiam porque não conferem com os pais da outra.

Mamãe não gosta disso. Ela SEMPRE confere.

De modo que eu sabia que não era justo sair correndo assim e deixá-la preocupada. Eu não me importava muito com o que meu pai pensava. Nesse momento, eu estava com muito ódio dele. Mas eu simplesmente precisava ficar sozinha por algum tempo. Quero dizer, é preciso algum tempo para a gente se acostumar, para descobrir que é uma 30

princesa. Acho que algumas meninas poderiam gostar disso, mas não eu. Eu nunca fui muito feminina, sabia? Nunca botei maquiagem, usei meia-calça e essas coisas. Quero dizer, posso fazer isso, se tiver que fazer, mas prefiro não fazer.

Prefiro mesmo não fazer

De qualquer jeito, não sei como, mas parecia que meus pés sabiam aonde estavam indo e, quando menos esperava, cheguei ao zoológico.

Eu adoro o zoológico do Central Park. Sempre adorei, desde pequenininha. É muito melhor do que o zoológico do Bronx, porque é pequeno e aconchegante e os animais são muito mais amigáveis, especialmente as focas e os ursos polares. Adoro ursos polares. No zoológico do Central Park há aquele urso polar e tudo que ele faz durante o dia inteiro é nadar de costas. Juro! Certa vez ele apareceu nos jornais porque o psicólogo dele estava preocupado, achando que ele estava com estresse. Deve ser um saco ver gente olhando pra gente o dia inteiro. Mas compraram uns brinquedos para ele e, depois disso, tudo bem. Ele fica simplesmente em seu

espaço — no zoológico do Central Park não há jaulas, apenas espaços — e olha a gente olhar para ele. Às vezes, enquanto faz isso, ele segura uma bola. Eu amo aquele urso.

Então, depois de liberar uns dois dólares para entrar — isso é a outra coisa boa no zôo, o ingresso é barato —, fiz uma visitinha ao urso polar. Ele parecia estar bem. Muito melhor do que eu no momento. Quero dizer, o pai dele não havia lhe dito que ele era o herdeiro do trono de algum lugar. Fiquei pensando de onde teria vindo aquele urso.

Tomara que tivesse vindo da Islândia.

Depois de algum tempo, ficou cheio demais em frente ao espaço do urso e resolvi ir até a casa dos pingüins. Lá fede um bocado, mas é divertido. Há aquelas janelas que dão para a água, então a gente pode ver os pingüins nadando de um lado para o outro, deslizando em cima das pedras, e levando uma maravilhosa vida de pingüim. Meninos põem as mãos no vidro e quando um pingüim se aproxima nadando, eles começam a gritar. Isso me deixa totalmente maluca. Ali há um banco e é nele que estou agora, escrevendo estas palavras. A gente se acostuma com o fedor depois de algum tempo.

Acho que a gente consegue se acostumar com qualquer coisa.

Oh, meu Deus, não posso acreditar que acabo de escrever isso! Eu NUNCA me acostumarei a ser a Princesa Amelia Renaldo! Nem mesmo sei quem é ela! Parece o nome de alguma linha cretina de produtos de maquiagem ou alguém de um filme da Disney que

esteve perdido e que acaba de recuperar a memória, ou coisa assim.

O que é que eu vou fazer? Eu NÃO posso me mudar para Genovia, eu simplesmente NÃO POSSO!! Quem é que ia cuidar de Fat Louie? Mamãe não pode. Ela *não lembra* de comer, quanto mais de dar comida a um GATO.

Tenho certeza de que não vão deixar que eu tenha um gato no palácio. Pelo menos, não um gato como Louie, que pesa 13 quilos e come meias. Ele ia assustar todas as damas de companhia.

Oh, Deus! *O que é que eu vou fazer?*

Se Lana Weinberger descobrir alguma coisa sobre isso, estou ferrada.

31

Ainda Mais Tarde, na Quinta-

feira

Claro, eu não poderia me esconder para sempre na casa dos pingüins. No fim, acabaram apagando as luzes e dizendo que estava na hora de fechar. Guardei o diário na mochila e saí do zoológico como todo mundo. Peguei um ônibus para o centro e voltei para casa, onde tinha certeza de que iria receber um SERMÃO de mamãe.

O que eu não contei foi com a possibilidade de o receber dos DOIS, ao mesmo tempo.

Era a primeira vez que isso acontecia.

“Onde foi que você esteve, mocinha?”, quis saber ela, sentada na cozinha com papai, o telefone entre eles.

Exatamente no mesmo instante, meu pai disse: “Nós estávamos loucos de preocupação.”

Pensei que fosse ficar de castigo em casa pelo resto de minha vida, mas tudo que eles queriam saber era se eu estava bem. Garanti que estava e pedi desculpas por ter feito essa sujeira com eles. Eu simplesmente precisava ficar sozinha, disse.

Eu estava realmente preocupada, com medo de que acabassem comigo, mas eles nem de longe fizeram isso. Mamãe tentou me obrigar a comer um pouco de macarrão, mas eu não quis, porque tinha sido temperado com molho de carne. Meu pai, nesse momento, se ofereceu para mandar seu motorista ao Nobu comprar um prato de peixe, mas tudo que respondi foi: “Pra dizer a verdade, papai, tudo que quero é ir dormir.” Depois, mamãe botou a mão na minha testa, rosto, pescoço, pensando que eu estava doente. Isso quase me fez voltar a chorar. Acho que meu pai se lembrou daquela minha expressão no Plaza porque, de repente, tudo que disse foi: “Helen, deixe-a em paz.”

Para minha surpresa, mamãe fez exatamente isso. Então fui para meu quarto, fechei a porta, tomei um banho quente e demorado, vesti meu pijama preferido, o de flanela vermelha fria, encontrei Fat Louie debaixo do sofá, onde tentava se esconder de meu pai (ele não gosta muito de papai), e fui dormir.

Antes de pegar no sono, ouvi meu pai falando durante muito, muito tempo, com mamãe na cozinha. A voz dele era grossa, como de um trovão. De certa maneira, ela me

lembrava a voz do capitão Picard em *Jornada nas Estrelas: a Nova Geração*.

Papai, para dizer a verdade, tem muita coisa em comum com o capitão Picard. Sabe como é, ele é careca e tem que mandar numa pequena população.

Exceto que o capitão Picard dá sempre um jeito de tudo acabar bem no fim do capítulo e eu sinceramente duvidava que alguma coisa fosse acabar bem para mim.

32

Sexta-feira, 3 de Outubro,

Sala de Freqüência

Hoje, quando acordei, os pombos que moram na escada de incêndio do lado de fora da minha janela estavam arrulhando feito uns desesperados (Fat Louie estava no peitoril da janela — bem, pelo menos o quanto dele cabia ali — vigiando eles), e o sol brilhava.

Levantei na hora, acreditem ou não, e não tive que apertar sete mil vezes o botão do despertador. Tomei um banho e não me cortei quando raspei as pernas, encontrei no fundo do armário uma blusa quase sem rugas e até consegui deixar meus cabelos mais ou menos apresentáveis. Era sexta-feira. Sexta-feira é o meu dia predileto, fora de sábado e domingo. Sextas-feiras sempre significam dois dias — dois gloriosos dias de relaxamento — SEM álgebra pela frente.

Entrei na cozinha e lá estava aquela luz cor-de-rosa entrando pela clarabóia, batendo bem em cima de mamãe, que estava usando seu melhor quimono e fazendo torrada francesa com ovos desidratados, em vez

de ovos de verdade, mesmo que eu não seja contra ovos desde que soube que eles não são do tipo galado e, portanto, nunca poderiam vir a ser pintos.

Eu estava toda pronta para agradecer a ela por pensar em mim, quando ouvi aquele ruído baixo.

E lá estava meu PAI sentado à mesa da sala de jantar (bem, é apenas uma mesa, já que a gente não tem sala de jantar, mas enfim...), lendo o *New York Times* e usando terno.

Terno. Às sete horas da manhã.

Mas depois me lembrei. Não posso acreditar que tenha me esquecido: Eu sou uma princesa.

Oh, meu Deus. Tudo que havia de bom em meu dia simplesmente foi embora pela janela depois disso.

Logo que me viu, meu pai ficou cheio de: “Ah, Mia.”

Eu sabia que não ia escapar. Ele só diz “Ah, Mia” quando vai me passar um baita sermão.

Ele dobrou com todo cuidado o jornal e colocou-o de lado. Meu pai sempre dobra jornais com capricho, deixando todas as bordas certinhas. Minha mãe nunca faz isso.

Ela geralmente amassa as páginas, deixando-as fora de ordem no sofá ou junto ao vaso sanitário. Esse tipo de coisa faz meu pai ficar doido e é provavelmente a razão por que eles nunca se casaram.

Percebi que minha mãe havia posto a mesa com nossos melhores pratos Kmart, aqueles com listras azuis, e os

grandes copos de plástico em forma de cacto para tomar marguerita, comprados na Ikea. Chegou até a colocar um buquê de girassóis artificiais no centro da mesa, em um vaso amarelo. Ela havia feito tudo isso para me animar, eu sabia, e tinha provavelmente acordado bem cedo para fazer isso. Mas, ao invés de me animar, tudo isso só me deixou mais triste.

33

Porque aposto que não usam copos de marguerita em forma de cacto no café da manhã

no palácio de Genovia.

“Nós precisamos conversar, Mia”, disse meu pai. É sempre assim que começam seus piores sermões. Exceto que, desta vez, ele me olhou meio esquisito, antes de começar.

“O que foi que houve com seu cabelo?”

Levei a mão à cabeça. “Por quê?” Eu achava que, para variar, meu cabelo estava legal.

“Não há nada com o cabelo dela, Phillipe”, disse mamãe. Ela, geralmente, tenta cortar o barato dos sermões de papai, se pode. “Sente-se, Mia, e coma alguma coisa. Eu até esquentei o xarope para a torrada francesa, do jeito que você gosta.”

Fiquei grata por essa gentileza da mamãe. Fiquei mesmo, Mas eu não ia me sentar e conversar sobre meu futuro em Genovia. Quero dizer, dá um tempo! Então disse apenas: “Oh, eu adoraria, de verdade, mas tenho que me mandar. Tenho prova hoje de Civilizações Mundiais e

prometi a Lilly que agente se encontraria para comparar as anotações...”

“Sente-se.”

Cara, meu pai realmente fala, quando quer, como comandante de nave espacial da Federação.

Sentei. Mamãe empurrou umas torradas francesas pro meu prato. Derramei xarope por cima e dei uma mordida, apenas para ser educada. O gosto era de papelão.

“Mia”, disse mamãe. Ela ainda estava tentando acabar com o sermão de papai. “Eu sei como você deve estar chateada com tudo isso. Mas, na verdade, a coisa não é tão ruim quanto você está pensando.”

Oh, tudo bem. De repente, alguém me diz que sou uma princesa e devo ficar toda feliz com isso?

“Quero dizer”, continuou mamãe, “a maioria das meninas ficaria provavelmente felicíssima ao descobrir que o pai é um príncipe!”

Nenhuma menina que eu conheço. Na verdade, isso não é verdade. Lana Weinberger, provavelmente, adoraria ser princesa. Na verdade, ela já pensa que é.

“Simplesmente pense em todas as coisas lindas que poderia ter, se fosse morar em Genovia.” O rosto de mamãe iluminou-se todo, enquanto começava a fazer uma lista das coisas lindas que eu poderia ter se fosse morar em Genovia, mas a voz dela tinha um tom estranho, como se ela estivesse representando um papel de mãe na ou coisa assim. “Como um carro! Você sabe como é impraticável ter carro aqui na cidade. Mas em

Genovia, quando você fizer dezesseis anos, tenho certeza de que seu pai comprará...”

Eu disse que já havia problemas de sobra com a poluição na Europa, sem a minha contribuição. As emissões de diesel são uma das maiores causas da destruição da camada de ozônio.

“Mas você sempre quis um cavalinho, não quis? Em Genovia, você pode ter um. Um baio com manchas pretas na...”

Isso doeu.

“Mamãe”, disse eu, com os olhos se enchendo de lágrimas. Eu simplesmente não pude evitar isso. De repente, estava chorando de novo como uma desesperada. “O que é que você está fazendo? Você quer que eu vá morar com papai? É isso? Está cansada de mim ou é alguma outra coisa? Quer que eu vá morar com papai, para que você e o sr. Gianini possam... possam...”

Não pude continuar, porque comecei a chorar de verdade. Mas mamãe estava chorando também. Saltou da cadeira, deu a volta na

mesa e começou a me abraçar, dizendo: “Oh, não, amor! Como é que você pode pensar uma coisa dessas?” E parou de parecer uma mãe de TV “Eu só quero o que é melhor para você.”

“Eu também”, disse papai, parecendo aborrecido. Ele havia cruzado os braços no peito e se inclinava para trás na cadeira, olhando-nos com irritação.

“O melhor para mim é ficar aqui mesmo e terminar na escola o segundo grau”, disse eu a ele. “E, depois, vou entrar para o Greenpeace e ajudar a salvar as baleias.”

Meu pai pareceu ainda mais irritado ao ouvir isso. „Você não vai entrar no Greenpeace”, disse.

„Vou, sim”, respondi. Era difícil à beça falar, porque eu estava chorando e tudo mais, mas disse a ele: “E vou também para a Islândia salvar os bebês focas.”

“Não vai, de jeito nenhum.” Meu pai não parecia simplesmente irritado. Nesse momento parecia furioso. „Você vai para a faculdade. Vassar, acho. Talvez a Sarah Lawrence.”

Isso me fez chorar mais ainda.

Mas antes que eu pudesse dizer alguma coisa, mamãe levantou a mão e disse: “Phillipe, não. Nós não estamos conseguindo nada aqui. Mia tem de ir para a escola. Ela já está atrasada...”

Comecei logo a procurar a mochila e o casaco. “Isso mesmo”, disse. “Tenho que renovar meu bilhete de metrô.”

Meu pai fez aquele som francês esquisito que faz às vezes. É alguma coisa entre um resmungo e um suspiro. Parece um *Pfuit*! Depois, disse: “Lars leva você.”

Eu disse a papai que isso não era necessário, porque me encontro todos os dias com Lilly no Astor Place, onde pegamos juntas o metrô da linha 6 para a Zona Norte.

“Lars pode levar sua amiguinha, também.”

Olhei para mamãe, que estava olhando para o papai. Lars é o motorista de papai. Elevai a todos os lugares aonde papai vai. Desde que conheço papai — Ok, toda minha vida —ele tem um motorista, geralmente um cara fortão que trabalhava para o presidente de Israel ou alguém assim.

Pensando bem, claro que esses caras não são realmente motoristas, são seguranças.

Uau.

Ok, a última coisa que eu queria era que o segurança de papai me levasse pra escola.

Como eu ia explicar isso a Lilly? *Oh, não liga para ele. Ele é apenas o motorista de papai*. Até parece. A única pessoa na Escola Albert Einstein que chega de motorista é aquela menina árabe podre de rica, chamada Tina Hakim Baba, cujo pai é dono de uma grande companhia de petróleo. E todo mundo acha engraçado porque os pais dela ficam muito preocupados, com medo que ela seja seqüestrada entre a rua 75 e a Madison, onde ela mora. Ela tem até um segurança que a segue de uma sala de aula para outra e conversa num rádio com o motorista. Isso é um exagero, se quer saber o que eu acho.

Mas papai foi inflexível na questão do motorista. Como eu agora sou uma princesa oficialmente, tem que haver toda essa preocupação com meu bem-estar. Ontem, quando eu era Mia Thermopolis, não tinha problema andar de metrô. Hoje, que sou a Princesa Amelia, esqueça.

Bem, tudo bem. Não parecia valer a pena discutir isso. Quero dizer, há coisas piores com que tenho que me

preocupar.

Como em que país vou morar no futuro próximo.

Quando eu estava saindo — meu pai mandou Lars subir até o sótão e me escoltar até o carro, uma coisa realmente ridícula —, ouvi ele dizer a mamãe: “Tudo bem, Helen.

Quem é esse tal Gianini, sobre quem Mia estava falando?”

Ops.

35

ab = a + b

resolver a equação para achar o valor de b

ab — b = a

b(a— 1) = a a

b= a

a— 1

Mais Sexta-feira, Álgebra

Lilly notou imediatamente que havia algo no ar.

Oh, ela engoliu toda a história que contei sobre Lars: “Papai está na cidade, tem motorista e, como você sabe...”

Mas não consegui contar a ela a parte da princesa. Quero dizer, tudo em que eu pensava era no tom de desgosto

da voz de Lilly quando, em uma exposição oral, disse que monarcas cristãos costumavam se considerar como representantes da vontade divina e que, portanto, não eram responsáveis perante os povos que governavam, mas apenas perante Deus, embora meu pai raramente vá à igreja, exceto quando Grandmère o obriga.

Lilly acreditou no que eu disse sobre Lars, mas continuou a me perturbar sobre meu choro. E dizia coisas como: “Por que seus olhos estão tão vermelhos e apertados? Você esteve chorando. Por quê? Aconteceu alguma coisa? O que foi? Tirou outro zero em alguma matéria?”

Eu simplesmente encolhi os ombros e fingi que olhava pela janela para a vista nada inspiradora das casas abandonadas do East Village, pelas quais tínhamos que passar para chegar a FDR. “Não é nada, não”, respondi. “TPM.”

“Não é TPM. Você ficou menstruada na semana passada. Lembro porque você me pediu emprestado um absorvente depois da aula de Educação Física e comeu dois pacotes inteiros de Yodels no almoço.” Às vezes, eu gostaria que a memória de Lilly não fosse tão boa. “Então, desembucha. Louie comeu outra meia?”

Para começar, era o maior embaraço para mim discutir meu ciclo menstrual na frente do segurança do papai. Quero dizer, Lars é um tipo de Baldwin. Estava muito concentrado em dirigir, e não sei se ele, do lugar do motorista, podia nos ouvir, mas mesmo assim era embaraçoso.

“Não é nada”, murmurei. “Apenas meu pai. Você sabe.”

“Oh!”, disse ela em voz normal. Eu já disse que a voz normal de Lilly é realmente muito alta? „Você quer dizer,

aquela coisa da esterilidade? Ele ainda está arrasado por causa disso? Deus, como ele precisa se atualizar.”

Lilly continuou, falando sobre o que chama de árvore junguiana de auto-atualização.

Disse que meu pai está nos ramos mais baixos e que não vai conseguir chegar ao topo da coisa até que ele se aceite como é e deixe de se obcecar com a incapacidade de ter mais filhos.

Acho que isso é parte de meu problema. Eu estou na parte mais baixa da árvore de auto-atualização, embaixo das raízes dela, praticamente.

Mas neste momento, aqui na aula de álgebra, as coisas não parecem assim tão ruins.

Pensei nelas durante todo o tempo na sala de freqüência e, finalmente, compreendi uma coisa:

Eles não podem me obrigar a ser princesa.

Não podem mesmo. Quero dizer, isto aqui é América, onde a gente tem liberdade. Aqui a gente pode ser tudo que quiser ser. Pelo menos, foi isso o que a sra. Holland disse 36

sempre no ano passado, quando estudamos História dos Estados Unidos. Então, se posso ser tudo que quero, posso não ser princesa. Ninguém pode me obrigar a ser princesa, nem mesmo meu pai, se eu não quiser.

Certo?

Então, quando voltar para casa hoje à noite, eu direi a papai, obrigada, mas não, obrigada. Por ora, vou ser

apenas a velha e feia Mia.

Meu Deus! O sr. Gianini acabou de me chamar e eu não tenho a menor idéia do que ele estava falando, porque, claro, eu estava escrevendo neste diário, em vez de prestar atenção. Minha cara parece estar pegando fogo. Lana, claro, está dando gargalhadas. Ela é muito gozadora.

Mas por que, afinal de contas, ele continua sempre a me chamar? Ele já devia saber que eu não sei a diferença entre uma equação do segundo grau e um buraco no chão. Ele está me escolhendo apenas por causa da minha mãe. Ele quer dar a impressão de que me trata do mesmo jeito que trata todo mundo na classe.

Mas eu não sou igual a todo mundo na classe.

Para que tenho que saber álgebra? Ninguém usa álgebra no Greenpeace.

E pode apostar que não vou precisar disso, se for uma princesa. Então, aconteça o que acontecer, estou garantida.

Legal.

encontre a solução *de x = a + aby* para achar *y* x — a = aby

37

x — a = aby

ab ab

x — a = y

ab

Muito Tarde, Mesmo, na Sexta-

feira,

Quarto de Lilly Moscovitz

Ok, mandei pro espaço a aula de apoio do sr. Gianini depois do horário normal.

Reconheço que não devia ter feito isso. Acreditem, Lilly não deixou dúvida que eu não devia ter feito isso. Sei que ele organiza essas aulas extras apenas para pessoas como eu, que estão pra levar pau. Sei que ele faz isso em seu tempo de folga e que não recebe a mais por isso. Mas, se não vou precisar de álgebra em qualquer possível futura carreira, por que preciso assistir à aula?

Perguntei a Lilly se podia passar a noite na casa dela e ela respondeu que apenas se eu prometesse parar de me comportar como uma doida.

Prometi, mesmo não achando que esteja me comportando como uma doida.

Mas quando liguei para mamãe do telefone da portaria, depois das aulas, para perguntar se podia passar a noite na casa dos Moscovitz, o que ela disse foi: “Humm, para dizer a verdade, Mia, seu pai estava até com esperança de que, quando você voltasse para casa hoje à noite, nós poderíamos ter outra conversa.”

Oh, legal!

Disse à minha mãe que, embora não houvesse coisa que eu quisesse mais do que outra conversa, estava muito

preocupada com Lilly, já que seu maníaco fã tinha acabado de ter alta do Hospital Bellevue. Desde que Lilly iniciou seu programa de TV a cabo, esse cara, chamado Norman, vinha lhe telefonando, pedindo que ela tirasse os sapatos. De acordo com os drs. Moscovitz, Norman é um fetichista. A fixação dele é em pés — em particular, nos pés de Lilly. Ele envia coisas para ela, através da organização do programa, CDs, animais empalhados e coisas assim, e escreve que mandará mais coisas se Lilly simplesmente tirar os sapatos no ar. Então, o que Lilly faz é tirar os sapatos, isso mesmo, mas em seguida coloca um cobertor sobre as pernas, mexe os pés por baixo e diz:

“Olhe, Norman, seu anormal! Tirei os sapatos! Obrigado pelos CDs, seu bobalhão!”

Isso irritou tanto Norman que ele passou a perambular pelo Village, à procura de Lilly.

Todo mundo sabe que ela mora no Village, desde que filmamos um episódio muito popular, no qual ela tomou emprestada uma pistola de marcação de preço da Grand Union e disse a todos os turistas europeus que circulavam pelo SoHo que, se usassem uma etiqueta de preço da Grand Union na testa, poderiam ganhar um café expresso de graça da Dean & DeLuca (um número surpreendente deles acreditou).

De qualquer modo, certo dia, há algumas semanas, Norman, o fetichista de pé, nos encontrou no parque e começou a nos perseguir, agitando notas de vinte dólares na mão e tentando nos convencer a tirar os sapatos. A coisa foi muito engraçada e nem deu para assustar, especialmente porque demos de cara com o posto de polícia, na esquina da Washington Square com a

Thompson Street, onde a Delegacia pára aquele enorme trailer, para poder espionar os traficantes de drogas. A gente disse à polícia que aquele 38

anormal estava querendo nos estuprar. Vocês deviam ter visto. Uns vinte agentes disfarçados (até um cara que eu pensava que fosse um velho morador de rua dormindo num banco) saltaram sobre Norman e o arrastaram, aos gritos, para o hospício!!

Eu sempre me divirto tanto com Lilly.

Então, os pais de Lilly lhe disseram que Norman havia acabado de ter alta do Bellevue e que, se o encontrasse, não devia atormentá-lo, porque ele é apenas um pobre obsessivo-compulsivo com possíveis tendências esquizofrênicas.

Lilly vai dedicar o espetáculo de amanhã a seus pés. Vai calçar todos os pares de sapatos que tem, mas não vai mostrar os pés descalços uma única vez. Ela tem esperança de que isso faça Norman perder o controle e fazer alguma coisa mais louca do que nunca, tal como pegar uma pistola e atirar na gente.

Mas eu não estou com medo, Norman usa óculos com lentes de fundo de garrafa e aposto que ele não consegue acertar em coisa nenhuma, nem com uma metralhadora, que mesmo um lunático como Norman pode comprar neste país, graças às nossas leis.

Elas não fazem restrição à venda de armas, o que Michael Moscovitz diz em seu e-zine que acabará na morte da democracia como a conhecemos.

Mas mamãe não ficou muito convencida com minha história e disse: “Mia, entendo o fato de você querer

ajudar sua amiga neste período difícil dela com o cara que a persegue, mas acho, realmente, que você tem responsabilidades mais urgentes aqui em casa."

E tudo que eu disse foi: "Que responsabilidades?", achando que ela estava pensando na lata de lixo, que eu tinha esvaziado dois dias antes.

E ela disse: "Responsabilidades com seu pai e comigo."

Eu não entendi nada. Responsabilidades? *Responsabilidades*. Ela está me falando em responsabilidades? Qual foi a última vez que ela se lembrou de deixar as roupas na lavanderia, ainda mais de ir buscá-las? Qual foi a última vez que ela se lembrou de comprar Q-Tips, papel higiênico ou leite?

E ela pensou em dizer, em algum dos meus 14 anos, que eu poderia acabar me tornando, algum dia, a princesa de Genovia?

E *ela* pensa que precisa me falar sobre *minhas* responsabilidades?

Ha, ha!!!!

Eu quase bati o telefone na cara dela. Mas Lilly andava meio por perto, treinando seus deveres de administradora, ligando e desligando as luzes da portaria da escola. Já que eu havia prometido não me comportar como uma doida, e descontar minha frustração em cima de minha mãe era definitivamente coisa de doido, disse em um tom de voz que era um modelo de paciência: "Não se preocupe, mamãe, não vou esquecer de parar na Genovese na volta pra casa amanhã e comprar uns novos sacos para o aspirador."

E, *depois*, desliguei.

DEVER DE CASA

39

Problemas de álgebra 1-12, pág. 119

Inglês: projeto

Civilizações Mundiais: questões no fim do Capítulo 4

S &T: nenhum

Francês: usar *avoir* em frase negativa, ler as lições um a três, *pas de plus* Biologia: nenhum

Sábado, 4 de Outubro,

Cedo, Ainda na Casa de Lilly

Por que eu me divirto tanto quanto passo a noite na casa de Lilly? Quero dizer, não é que eles tenham coisas que eu não tenho. Na verdade, mamãe e eu temos coisas melhores. Os Moscovitz só têm uns dois canais de filmes e, porque aproveitei a última oferta do Time Warner Cable, nós temos todos eles, Cinemax, HBO e Showtime, pela tarifa mais baixa, de US$ 19,99 ao mês.

Além disso, temos gente melhor para espiar pelas janelas, como Ronnie, que já foi Ronald e agora é chamado de Ronette, e que dá um monte de festas de arromba; e aquele casal alemão magrelo que usa roupa preta o tempo todo, mesmo no verão, e nunca baixa as cortinas. Na Quinta Avenida, onde os Moscovitz moram, não há ninguém bacana para a gente olhar: apenas

outros psicanalistas ricos e seus filhos. Pode acreditar em mim, a gente não vê nada que preste pelas janelas deles.

Mas acontece sempre, toda vez que passo a noite aqui, mesmo que tudo que agente faça seja ficar na cozinha comendo o macarrão que sobrou do Rosh Hashanah, que eu me divirto pra caramba. Talvez isso aconteça porque Maya, a empregada dominicana dos Moscovitz, nunca se esquece de comprar suco de laranja e sempre se lembra de que eu não gosto do tipo cheio de bagaço. E, se ela sabe que vou passar a noite lá, compra uma lasanha vegetariana no Balducci, em vez da de carne, especialmente para mim, como fez na noite passada.

Ou talvez seja porque nunca vejo potes velhos de alguma coisa, cheios de mofo, na geladeira dos Moscovitz. Maya joga fora tudo que passou um dia do prazo de validade.

Mesmo creme de cebola ainda fechado. Até latinhas de Tab.

E os drs. Moscovitz nunca se esquecem de pagar a conta de luz. A Con Ed nunca desligou a luz deles no meio de uma maratona de exibição de *Jornada nas Estrelas*. E a mãe de Lilly, ela sempre fala sobre coisas normais, como o grande desconto que conseguiu numa meia-calça Calvin Klein na Bergdorf‟s.

Não que eu não ame minha mãe ou coisa parecida. Amo com paixão. Eu só queria que ela fosse mais mãe e menos pintora.

E gostaria que meu pai fosse mais parecido com o pai de Lilly, que sempre quer preparar uma omelete para mim, porque pensa que estou muito magra e que anda pela casa com a velha calça de moletom da faculdade quando não tem que ir para o consultório analisar alguém.

O dr. Moscovitz nunca usaria terno às sete da manhã.

Não que eu não ame meu pai. Amo, eu acho. Eu simplesmente não entendo como ele deixou que uma coisa dessas acontecesse. Ele é normalmente tão organizado. *Como é que ele aceitou se tornar príncipe?*

Eu simplesmente não entendo isso.

40

A melhor coisa de ir dormir na casa de Lilly, acho, é que enquanto estou lá não tenho que pensar em coisas como estar levando pau em álgebra ou ser herdeira do trono de um miniprincipado europeu, Eu apenas relaxo, como autênticos Poppin Fresh Cinnamon Buns feitos em casa e observo Pavlov o pastor de Shetland de Michael, tentar levar Maya de volta para a cozinha toda vez que ela quer sair.

Ontem a noite foi uma diversão só. Os drs. Moscovitz saíram— tiveram que ir a uma festa de caridade no Puck Building para filhos homossexuais de sobreviventes do Holocausto —, então Lilly e eu fizemos um panelão de pipoca com manteiga, subimos para a cama com dossel dos pais dela e vimos todos os Filmes de James Bond de uma vez, Pudemos conferir, de uma vez por todas, se Pierce Brosnan era o James Bond mais magro, Sean Connery o mais cabeludo, e Roger Moore o mais moreno. Nenhum dos James Bonds abriu a camisa o suficiente para a gente decidir quem tinha o peito mais bonito, mas acho que provavelmente era o Timothy Dalton.

Gosto de peito cabeludo. Eu acho.

Foi meio irônico o irmão de Lilly ter entrado enquanto eu estava tentando chegar a uma conclusão sobre o

assunto. Mas ele estava de camiseta e parecia meio chateado. Disse que meu pai queria falar comigo no telefone. Meu pai estava uma fera porque vinha tentando falar comigo há horas e Michael estava na Internet, respondendo a e-mails de fãs do seu e-zine, *Crackhead*, de modo que meu pai só ouvia o sinal de ocupado.

Eu devo ter dado a impressão de que ia vomitar ou coisa assim porque, logo depois, Michael disse: “OK, não se preocupe com isso, Thermopolis. Eu digo a ele que você e Lilly já foram dormir.” O que era uma mentira em que minha mãe nunca acreditaria, mas que deve ter funcionado muito bem com papai, porque Michael voltou e disse que ele pediu desculpas por ligar tão tarde (eram apenas 11h) que falaria comigo pela manhã.

Legal. Mal posso esperar.

Acho que ainda parecia que eu ia vomitar porque Michael chamou o cachorro e mandou que ele subisse na cama com a gente embora animais de estimação não sejam permitidos no quarto dos drs. Moscovitz. Pavlov se arrastou para meu colo e começou a me lamber o rosto, o que só faz com pessoas em quem ele realmente confia. Em seguida, Michael sentou-se para assistir aos filmes com gente e, no interesse da ciência, Lilly perguntou quais Bond girls ele achava mais atraentes, as louras que sempre precisavam que James Bond as salvasse ou as morenas que sempre apontavam armas para ele, e Michael respondeu que não resistiria a uma garota com uma arma, o que nos levou a assistir aos seus dois programas favoritos de TV, *Xena: a Princesa Guerreira* e

Buffy a Caça-Vampiros.

Então, não realmente no interesse da ciência, mas principalmente por pura curiosidade, perguntei a Michael, se fosse o fim do mundo e a gente tivesse que repovoar o planeta, e ele só pudesse escolher uma companheira para toda a vida, quem seria, Xena ou Buffy?

Depois de me dizer que eu era esquisita por pensar em uma coisa dessas, Michael escolheu Buffy. Depois Lilly perguntou, se eu tivesse que escolher entre Harrison Ford e George Clooney, quem eu escolheria. Eu disse Harrison Ford, mesmo sendo velho demais, mas Harrison Ford de Indiana Jones, não o de Guerra nas Estrelas. Lilly disse que escolheria Harrison Ford como Jack Ryan naqueles filmes de Tom Clancy, e então Michael disse, “Quem é que vocês escolheriam Harrison Ford ou Leonardo di Caprio?”, e nós duas escolhemos Harrison Ford porque Leonardo é tão passè, e ele continuou:

“Quem vocês escolheriam, Harrison Ford ou Josh Richter?”, e Lilly disse que Harrison Ford, porque ele foi carpinteiro e, se fosse o fim do mundo, ele poderia construir uma casa de madeira para ela, mas eu disse Josh Richter, porque ele iria viver mais —

Harrison parece que tem SESSENTA anos — e poderia me dar um bocado de filhos.

41

E foi aí que Michael começou a dizer aquelas coisas inteiramente injustas contra Josh Richter, tipo que diante de uma catástrofe nuclear provavelmente amarelaria, mas Lilly disse que medo de coisas novas não é uma medida exata do potencial de crescimento do cara, com o que eu concordei. Mas Michael continuou e disse que

nós éramos duas idiotas, se pensávamos que Josh Richter sequer informaria as horas para nós, que ele só gostava de garotas oferecidas como Lana Weinberg. Lilly respondeu que se ofereceria a Josh Richter se ele atendesse a certas exigências, como tomar um banho com solução antibacteriana antes e usar três camisinhas cheias de espermicida durante a transa, para o caso de uma furar e outra escapar.

E depois Michael me perguntou se eu me ofereceria a Josh Richter e eu tive que pensar durante um minuto. Perder a virgindade é realmente uma coisa importante e a gente tem que fazer isso com a pessoa certa ou corre o risco de ficar traumatizada pelo resto da vida, como as mulheres do grupo Mais-de-Quarenta-e-Ainda- Solteira do dr. Moscovitz, que se reúne quinzenalmente às terças-feiras. Então, depois de pensar, eu disse que me ofereceria a Josh Richter, mas apenas se:

1. A gente estivesse namorando há pelo menos um ano.

2. Ele me prometesse amor eterno.

3. Ele me levasse para ver *A Bela e a Fera* na Broadway e não ridicularizasse a peça.

Michael disse que as duas primeiras condições pareciam certas, mas se a terceira era um exemplo do tipo de namorado que eu esperava arranjar, eu ia continuar virgem durante muito, muito tempo. Ele disse que não conhecia ninguém com um grama de testosterona que possa assistir a A Bela e a Fera sem vomitar nos outros. Mas ele está errado, porque meu pai definitivamente tem testosterona — pelo menos um testículo cheio — e nunca vomitou em cima de ninguém no espetáculo.

Depois, Lilly perguntou a Michael quem ele escolheria, se tivesse que fazer isso, eu ou Lana Weinberger, e ele disse, “Mia, claro”, mas tenho certeza de que ele disse isso só porque eu estava no quarto e não queria mostrar desprezo ali na minha cara.

Eu gostaria que Lilly não fizesse coisas desse tipo.

Mas ela continuou, querendo saber quem Michael escolheria, eu ou Madonna, eu ou Buffy a Caça-Vampiros (ele me escolheu contra Madonna, mas Buffy ganhou de mim fácil, fácil).

Em seguida, Lilly quis saber quem eu escolheria, Michael ou Josh Richter. Fingi que pensava seriamente no caso, quando, para meu alívio, os drs. Moscovitz voltaram para casa e começaram a gritar com a gente por deixar Pavlov entrar no quarto e por comer pipoca na cama.

Mais tarde, depois de Lilly e eu termos limpado toda a pipoca espalhada e voltado para o quarto dela, ela me perguntou outra vez quem eu escolheria, Josh Richter ou o irmão dela, e eu tive que dizer Josh Richter, porque ele é o cara mais quente de toda a escola, talvez de todo o mundo, e eu estou completa e perdidamente apaixonada por ele, e não apenas por causa do jeito como os cabelos louros dele caem às vezes por cima dos seus olhos, quando ele se curva, procurando alguma coisa no armário, mas porque eu sei que, por trás daquela pose de machão, há uma pessoa profundamente sensível e carinhosa.

Eu percebera isso pela maneira como ele disse oi para mim naquele dia no Bigelows.

Mas não pude deixar de pensar que, se se tratasse mesmo do fim do mundo, talvez fosse melhor acabar

com Michael, embora ele não seja tão quente, porque ele, pelo menos, me faz rir. Acho que, no fim do mundo, senso de humor seria importante.

Além do mais, claro, Michael parece realmente atraente sem camisa.

E, se fosse realmente o fim do mundo, Lilly estaria morta, e ela nunca saberia que o irmão dela e eu estávamos procriando!

42

Não quero *nunca* que Lilly saiba o que eu sinto sobre o irmão dela. Ela acharia muito esquisito.

Mais esquisito do que eu me tornar a princesa de Genovia.

Mais Tarde, no Sábado

Durante todo o caminho de volta da casa de Lilly, eu me preocupei com o que mamãe e papai iam me dizer quando eu chegasse. Eu nunca havia desobedecido antes. Quero dizer, nunca mesmo.

Bem, tudo bem, houve aquela vez em que Lilly, Shameeka, Ling Su e eu fomos assistir àquele filme do Christian Slater, mas, em vez disso, acabamos indo assistir a *The Rocky Horror Picture Show*, e eu esqueci de telefonar antes do filme, que terminou depois de 2:30h da manhã, e a gente estava na Times Square sem dinheiro suficiente para pegar um táxi.

Mas foi só aquela vez! E aprendi uma lição de verdade com aquilo, sem que minha mãe me botasse de castigo ou coisa assim. Não que ela fizesse uma coisa dessas —

me botar de castigo em casa, quero dizer. Quem é que iria ao caixa automático pegar dinheiro para o entregador, se eu estivesse de castigo?

Mas meu pai é uma outra história. Ele é totalmente rígido no item disciplina. Mamãe diz que isso acontece porque Grandmère costumava castigá-lo quando ele era menino, trancando-o naquele quarto realmente assustador da casa dela.

Agora que estou pensando nisso, a casa em que papai cresceu era provavelmente o castelo e aquele quarto assustador era provavelmente o calabouço.

Meu Deus, não é de espantar que papai faça tudo que Grandmère manda.

De qualquer jeito, quando papai fica irritado, ele fica realmente irritado. Como daquela vez que eu não quis ir à igreja com Grandmère, porque me recusava a rezar para um deus que permitia que florestas tropicais fossem destruídas para dar lugar a vacas, que depois se transformariam em Quarteirões para as massas ignorantes que adoram aquele símbolo de tudo o que é mau, o Ronald McDonald. Não só papai me disse que, se eu não fosse à igreja, ele esfolaria minha bunda de tanto bater, mas também que não me deixaria ler novamente o e-zine de Michael, o *Crackhead*. E me proibiu de entrar na Web durante o resto do verão. E ainda quebrou meu modem com um magnum do Chateauneuf du Pape.

Isso é que é um cara reacionário!

Por isso estava muito preocupada com o que ele ia dizer, quando voltei da casa de Lilly.

Tentei ficar na casa dos Moscovitz o máximo de tempo possível. Botei os pratos do café da manhã na lavadora para Maya, já que ela estava ocupada escrevendo uma carta para seu representante no Congresso, pedindo que ele, por favor, fizesse alguma coisa sobre seu filho, Manuel, que fora injustamente metido na cadeia por dez anos por ter apoiado uma revolução em seu país. Levei Pavlov para fazer xixi, porque Michael tinha que ir a uma palestra sobre astrofísica na Universidade de Columbia. E até desentupi a banheira de hidromassagem dos Moscovitz. Pô, o pai de Lilly mija à beça.

Depois, Lilly tinha que sair e disse que era hora de gravar o episódio especial de uma hora do seu programa, aquele dedicado aos pés. Acontece que os drs. Moscovitz não tinham saído, como a gente pensou, para as sessões de rolfing. Ouviram tudo que a 43

gente disse e me mandaram voltar para casa, enquanto eles analisavam Lilly sobre sua necessidade de perturbar seu fã maníaco por sexo.

A coisa é a seguinte:

Eu sou em geral uma filha muito legal. Estou falando sério. Não fumo. Não tomo drogas. Não tive filhos na rua. Sou digna de toda confiança e faço meus deveres de casa na maioria das vezes. Exceto por aquele maldito zero em uma matéria que nunca será de qualquer utilidade para mim em minha vida futura, estou indo muito bem.

E depois eles me pegaram de surpresa com essa coisa de princesa.

Resolvi que, se papai resolvesse me castigar, eu ia me queixar à juíza Judy. Ele ia se arrepender muito se, por

causa disso, acabasse na frente da juíza Judy. Ela ia ensinar uma lição e tanto a ele, com certeza. Uma pessoa tentando obrigar outra a ser princesa quando ela não quer? A juíza Judy não admitiria isso, nem de longe.

Claro, quando cheguei em casa, descobri que não precisava me queixar à juíza Judy.

Mamãe não tinha ido para o estúdio, o que faz sem falta todos os sábados. Estava ali, esperando por mim, lendo velhos números da assinatura que fez para mim da revista *Seventeen*, antes de perceber que eu não tinha peito para que alguém me convidasse para sair, de modo que toda informação contida na revista era inútil para mim.

Mas ali estava também meu pai, sentado exatamente no mesmo lugar em que o havia deixado no dia anterior, só que desta vez lendo o *Sunday Times*, mesmo sendo sábado, e mamãe e eu temos a regra de não começar as seções de domingo do jornal antes do domingo. Para minha surpresa, ele não usava terno. Nesse dia usava suéter — caxemira, um presente, sem dúvida, de uma de suas muitas namoradas — e calça de veludo.

Quando entrei, ele dobrou o jornal com todo cuidado, colocou-o sobre a mesa e me deu uma longa e atenta olhada, como faz o capitão Picard imediatamente antes de passar um sermão em Ryker sobre a Diretriz Número Um. Em seguida, ele disse: “Nós precisamos conversar.”

Imediatamente comecei a explicar que não era como se não tivesse contado a eles onde estava, que eu apenas precisava de um tempo só para mim, para pensar em algumas coisas, que eu havia tido todo cuidado, não

havia pegado o metrô ou coisa assim, e meu pai simplesmente disse: “Eu sei.”

Simples assim. “*Eu sei*.” Ele se entregou inteiramente, sem briga.

Meu pai.

Olhei para mamãe, para ver se ela havia notado que ele tinha ficado doido. E então foi ela que fez a coisa mais doida de todas. Botou as revistas em cima da mesa, veio pro meu lado e me abraçou, dizendo: “Nós sentimos tanto, querida.”

Alô? Esses aí são os meus pais? Será que os ladrões de corpos andaram por aqui enquanto eu estava longe e substituíram meus pais por caras criados em casulos? Porque essa era a única explicação para meus pais serem tão razoáveis.

Mas aí meu pai continuou: “Nós compreendemos o estresse que esta situação lhe causou, Mia, e queremos que saiba que faremos tudo que pudermos para tornar essa transição tão suave quanto possível.”

Depois ele me perguntou se eu sabia o que era uma solução conciliatória, eu disse que sabia, claro, não sou mais uma aluna do primário, então ele tirou um pedaço de papel do bolso, e nele a gente escreveu o que mamãe chama de Solução Conciliatória Thermopolis-Renaldo. E o que o papel diz é o seguinte:

Eu, o signatário, Artur Christoff Phillipe Gerard Grimaldi Renaldo, concordo que minha única e exclusiva descendente e herdeira, Amelia Mignonette Grimaldi Thermopolis Renaldo, pode concluir seus estudos na Escola Albert Einstein para 44

Meninos (tornada mista em 1975) sem interrupção, salvo pelos períodos do Natal e verão, que ela passará, sem queixas, no país chamado Genovia.

Perguntei se isso significava que não haveria mais verões em Miragnac e ele disse que sim. Eu não pude acreditar. Natal e verão sem Grandmère? Isso seria o mesmo que ir ao dentista, só que, em vez de ter o dente obturado, a gente simplesmente leria Teen People e cheiraria um bocado de gás hilariante! Fiquei tão feliz que abracei ele na hora. Mas, infelizmente, descobri que havia mais no acordo:

Eu, a signatária, Amelia Mignonette Grimaldi Thermopolis Renaldo, concordo em desempenhar os deveres de herdeira de Artur Christoff Phillipe Gerard Grimaldi Renaldo, príncipe de Genovia, e tudo que esse papel exige, incluindo, mas não somente, assumir o trono com a morte do acima mencionado e cumprir as funções de Estado para as quais a presença da mencionada herdeira seja considerada essencial.

Tudo aquilo me pareceu bem bacana, exceto a parte final. Funções de Estado? Quais?

Nesse momento, meu pai tornou-se vago: “Oh, você sabe, comparecer a funerais de líderes mundiais, dar início a bailes, esse tipo de coisa.”

Hein? Funerais? Bailes? O que foi que aconteceu com aquilo de quebrar garrafas de champanhe no casco de transatlânticos, comparecer a pré-estréias em Hollywood e esse tipo de coisa?

“Bem”, explicou papai, “as pré-estréias de Hollywood não são realmente aquilo que dizem ser. Flashes de

fotógrafos estourando na cara da gente, coisas do gênero.

Totalmente desagradável.”

Tudo bem, mas, os *enterros*? Os *bailes*? Eu nem sei como passar um delineador de lábios, quanto mais fazer reverência...

“Oh, tudo bem aí”, tranqüilizou-me papai, colocando a tampa da caneta no lugar.

“Grandmère cuidará dessa parte.”

Sim, certo. O que é que ela pode fazer? Ela está na França.

Ha! Ha! Ha!

45

Noite de Sábado

Eu não posso nem acreditar que sou tão azarada. Quero dizer, sábado à noite sozinha com meu PAI.

Ele, para dizer a verdade, tentou me convencer a ir assistir a *A Bela e a Fera*, como se sentisse pena de mim porque eu não tinha um namorado para sair comigo.

Eu, no fim, tive que dizer “Presta atenção, papai, eu não sou mais criança. Nem mesmo um príncipe de Genovia pode conseguir ingresso para um espetáculo na Broadway, num sábado à noite, com um minuto de antecedência.”

Ele se sentia abandonado porque mamãe tinha saído para outro encontro com o sr.

Gianini. Ela queria mesmo desfazer o encontro, por causa da confusão que havia acontecido em minha vida nas últimas 24 horas, mas praticamente a obriguei a ir, porque vi que os lábios dela estavam ficando cada vez menores quanto mais tempo ela passava com papai. Os lábios de mamãe só ficam pequenos quando ela faz força para não dizer alguma coisa, e acho que o que ela queria dizer a meu pai era: "*Caia fora!*

Volte para seu hotel! Você está pagando 600 dólares a noite por aquela suíte! Você não pode voltar para lá e ficar lá?"

Meu pai deixa mamãe completamente louca, porque anda sempre fuçando por toda parte, tirando o extrato bancário dela da tigela de salada onde ela joga toda nossa correspondência, e tentando dizer quanto ela economizaria em pagamento de juros se simplesmente transferisse o dinheiro da conta corrente para uma Roth IRA.

De modo que, mesmo que ela estivesse com vontade de ficar em casa, eu sabia que, se ficasse, explodiria, então disse, por favor, vá, e que papai e eu conversaríamos sobre o que é governar um pequeno principado no cenário econômico de hoje. Mas quando mamãe apareceu em sua roupa de namoro, que incluía aquele minivestido todo preto, provocante, da Victoria‟s Secret (mamãe odeia fazer compras, então compra todas as suas roupas em catálogos, enquanto relaxa na banheira depois de um dia inteiro pintando), papai se engasgou com um cubo de gelo. Acho que ele nunca tinha visto mamãe num minivestido — na faculdade, quando os dois namoravam, tudo que ela usava era macacão, como eu — porque ele bebeu o uísque com soda muito rápido e disse: "É *isso* que você vai usar?", o que fez mamãe

responder “O que é que há de errado no vestido?” e se olhar preocupada no espelho.

Ela parecia muito, muito bem. Para dizer a verdade, parecia muito melhor do que o normal, e acho que esse era o problema. Quero dizer, pode parecer esquisito reconhecer isso, mas mamãe pode ficar deslumbrante quando quer. Eu mesma só posso desejar ser um dia tão bonita quanto ela. Quero dizer, ela não tem cabelo como o meu, tem peito, e não usa sapato 44. Ela é bem sexy, pelo menos na categoria das mães.

Nesse momento, a campainha tocou e mamãe saiu correndo porque não queria que o sr.

Gianini subisse e encontrasse seu ex-marido príncipe de Genovia. O que era compreensível, porque ele continuava engasgado e parecendo meio esquisito. Quero 46

dizer, ele parecia um homem careca, de rosto vermelho, usando suéter, cuspindo um pulmão para fora. Quero dizer, eu me sentiria embaraçada, fosse ela e tivesse que admitir que já havia feito sexo com ele.

De qualquer jeito, foi bom que ela não mandasse o sr. Gianini subir, porque eu não queria que ele me perguntasse na frente de meus pais por que eu havia matado a aula de apoio na sexta-feira.

Então, depois de eles irem embora, tentei demonstrar a meu pai, pedindo comida realmente excelente, que estou mais preparada para a vida em Manhattan do que em Genovia. Chegou uma insalata caprese, um ravióli ao funghetto e uma pizza margherita, tudo isso por menos de vinte dólares, mas juro que papai não ficou nem um pouco impressionado! Ele apenas se serviu uísque com

soda e ligou a TV. Nem notou quando Fat Louie se sentou ao lado dele. E começou a alisar o gato como se não fosse nada. E

papai diz que é *alérgico* a gatos.

E depois, para completar, ele nem queria falar sobre Genovia. Tudo que queria era assistir a programas esportivos. Não estou brincando. Esportes. Nós temos 77 canais e ele só se interessava pelos que mostravam homens vestindo uniforme e correndo atrás de uma bolinha. Esqueça a maratona de filmes de Dirty Harry. Esqueça os videoclipes.

Ele simplesmente colocou em um canal de esportes e ficou olhando vidrado para a tela, e quando eu disse que mamãe e eu geralmente assistimos ao que estiver passando na HBO nas noites de sábado, ele apenas aumentou o volume!!!

Que garotão!

E você acha que isso foi suficientemente ruim? Pois devia ter visto ele quando a comida chegou. Mandou Lars revistar o entregador, antes de deixar que ele subisse! Você pode acreditar numa coisa dessas? Eu tive que dar a Antônio um dólar extra para compensá-lo por aquele vexame todo. E em seguida meu pai se sentou e comeu, sem dizer uma única palavra até que, depois de outro uísque com soda, caiu no sono, bem em cima do sofá, com Fat Louie no colo!

Acho que ser príncipe e ter câncer no testículo pode realmente levar uma pessoa a pensar que é especial. Quero dizer, Deus permita que ele passe algum tempo de qualidade com sua única filha, a herdeira de seu trono.

Por isso estou aqui novamente, em casa em um sábado à noite. NÃO que eu me sinta em casa à noite, exceto quanto estou com Lilly. Por que sou tão impopular? Quero dizer, sei que parece meio esquisito e tudo mais, mas tento de verdade ser legal com as pessoas, sabia? Você pode pensar que as pessoas me dariam valor como ser humano e me convidariam para festas simplesmente por que gostam de minha companhia. Não é culpa MINHA se meu cabelo fica desse jeito, não mais que é culpa de Lilly se a cara dela parece meio puxada para dentro.

Tentei ligar para Lilly um milhão de vezes, mas o telefone só dava ocupado, o que significava que Michael estava provavelmente trabalhando em seu e-zine. Os Moscovitz estão tentando conseguir uma segunda linha, para que pessoas que ligam para eles consigam falar de vez em quando, mas a companhia telefônica diz que não tem mais números 212 para instalar. A mãe de Lilly se recusa a ter dois códigos de área diferentes no mesmo apartamento e diz que, se não pode ter mais um 212, vai comprar um beeper.

Além disso, Michael vai para a faculdade no ano que vem e os problemas de telefone deles serão resolvidos.

Eu queria realmente falar com Lilly. Quero dizer, eu não contei nada a ela sobre esse negócio de princesa, e não vou, nunca, mas, às vezes, mesmo sem dizer a ela o que está me incomodando, conversando com Lilly eu me sinto melhor. Talvez seja simplesmente por saber que outra pessoa de minha idade também está encalhada em casa em uma noite de sábado. Quero dizer, a maioria das outras garotas da classe tem um namorado.

Até Shameeka começou a namorar. Ela ficou muito popular depois que os seios dela apareceram no verão. É verdade que ela não pode passar de dez horas, mesmo nos fins de semana, e que ela tem que apresentar o namorado ao pai e à mãe e o namorado tem que fornecer um roteiro detalhado de aonde exatamente vão e o que vão fazer; além de mostrar duas fotos para o sr. Taylor xerocar, antes que Shameeka possa sair de casa com ele.

Mas, ainda assim, ela está namorando. Alguém pediu para sair com ela.

Ninguém nunca me pediu.

Era muito chato ficar olhando papai roncar, mesmo que fosse cômica a maneira como Fat Louie olhava para ele, todo aborrecido, sempre que ele respirava fundo. Eu já vi todos os filmes de Dirty Harry e não havia nada na TV que prestasse. Resolvi tentar mandar uma mensagem para Michael, dizendo que precisava falar urgentemente com Lilly e que ele, por favor, saísse da linha para eu telefonar.

CRACKING: O QUE É QUE VOCÊ QUER, THERMOPOLIS?

FTLOUIE: QUERO FALAR COM LILLY. POR FAVOR, SAIA DA LINHA PARA EU

PODER LIGAR.

CRACKING: O QUE É QUE VOCÊ QUER FALAR COM ELA?

FTLOUIE: NÃO É DA SUA CONTA. APENAS, SAIA DA LINHA, POR FAVOR.

VOCÊ NÃO PODE MONOPOLIZAR TODAS AS LINHAS DE COMUNICAÇÃO.

NÃO É JUSTO.

CRACKING: NINGUÉM DISSE QUE A VIDA É JUSTA, THERMOPOLIS. O QUE É

QUE VOCÊ ESTÁ FAZENDO EM CASA, POR FALAR NISSO? O QUE FOI QUE

HOUVE? O GAROTO DE SEUS SONHOS NÃO TELEFONOU?

FTLOUIE: QUEM É O GAROTO DOS MEUS SONHOS?

CRACKING: VOCÊ SABE, SEU COMPANHEIRO PÓS-CATÁSTROFE NUCLEAR, JOSH RICHTER.

Lilly contou a ele! Não posso acreditar que ela contou! Eu vou matá-la!

FTLOUIE: VOCÊ QUER, POR FAVOR, SAIR DA LINHA PARA EU PODER

TELEFONAR PARA LILLY?

CRACKING: O QUE É QUE HÁ, THERMOPOLIS? TOQUEI EM ALGUM PONTO

SENSÍVEL?

Desliguei o computador. Às vezes ele consegue ser um babaca.

Mas, uns cinco minutos depois, o telefone tocou e era Lilly. Por isso acho que, embora Michael seja um babaca, ele é um babaca legal quando quer.

Lilly estava muito preocupada com a maneira como seus pais estão violando seu direito de livre expressão, assegurado pela Primeira Emenda constitucional, por não querer que ela filme o episódio de seu programa dedicado aos seus pés. Ela vai ligar para a Associação Americana pelas Liberdades Civis logo que ela abrir na segunda-feira pela manhã. Sem o apoio financeiro dos pais, que eles suspenderam nesse momento, o *Lilly* 48

Tells It Like It Is não pode continuar no ar. O programa custa uns 200 dólares por episódio, se incluirmos o preço do filme e tudo mais. O acesso público só é possível a pessoas que têm dinheiro.

Lilly estava tão chateada que não senti vontade de gritar com ela por ter dito a Michael que eu havia escolhido Josh. Agora que estou pensando nisso, provavelmente é melhor assim.

Minha vida é uma completa teia de mentiras.

Domingo, 5 de Outubro

Não posso acreditar que o sr. Gianini contou a ela. Não posso acreditar que ele disse a mamãe que matei aquela aula chata de apoio na sexta-feira!!!

Alô? Eu não tenho nenhum direito neste país? Não posso matar uma aula de revisão sem ser detonada pelo namorado de minha mãe?

Quero dizer, como se minha vida já não fosse um horror: eu já sou deformada e ainda tenho que ser princesa. Todas as minhas atividades têm que ser denunciadas pelo meu professor de álgebra?

Muito obrigada, sr. Gianini. Obrigada, vou ter que passar todo meu domingo com a fórmula da equação do segundo grau enfiada na minha cabeça por meu pai débil mental, que passou o tempo todo coçando a cabeça careca e gritando de frustração quando descobriu que não sei como multiplicar frações.

Alô? Posso lembrar a todos que o certo é que eu passe o sábado e o domingo LIVRE da escola?

E o sr. Gianini teve que dizer a minha mãe que vai haver um teste surpresa amanhã.

Quero dizer, acho que foi legal da parte dele fazer isso, me dar um aviso, mas também não se espera que ninguém estude para uma prova surpresa. O objetivo dessas coisas é verificar o que a pessoa guardou.

Mas também, já que aparentemente não retive nada de matemática desde o primário, acho que não posso realmente culpar meu pai por ficar tão furioso. Ele me disse que, se eu não for aprovada em álgebra, vai me obrigar a ir para a escola de verão. Aí eu disse que a escola de verão seria legal para mim, afinal eu já havia concordado em passar os verões em Genovia. E ele então disse que eu teria que fazer a escola de verão em GENOVIA.

Tudo bem. Conheci alguns garotos que estudavam em Genovia e eles não sabiam nem o que era uma progressão numérica. E eles medem tudo em quilos e centímetros. Como se o sistema métrico não estivesse inteiramente ultrapassado!

Mas, apenas por precaução, não vou me arriscar. Escrevi a fórmula da equação do segundo grau na sola branca de meu tênis de cano alto, exatamente no ponto onde ele se

curva entre calcanhar e os dedos. Vou usá-los amanhã, cruzar as pernas e dar uma olhada, se der um branco em mim.

49

Segunda-feira, 6 de Outubro,

Três da Manhã

Passei a noite toda acordada, preocupada com a possibilidade de ser surpreendida colando. O que é que vai acontecer se alguém descobrir que escrevi a fórmula da equação do segundo grau no tênis? Vão me expulsar? Eu não quero ser expulsa! Quero dizer, mesmo que todo mundo na Albert Einstein pense que eu sou uma aberração, estou ficando mais ou menos acostumada com isso. Não quero ter que começar tudo de novo numa nova escola. Vou ter que usar a marca vermelha de quem colou durante todo o resto de minha carreira na escola!

E o que dizer da faculdade? Talvez eu não seja aceita, se constar do meu histórico que colei em provas.

Não que eu queira fazer um curso superior. Mas e o Greenpeace? Tenho certeza de que o Greenpeace não quer pessoas que colam em provas. Oh, meu Deus, o que é que eu vou fazer???

50

Segunda-feira, 6 de Outubro,

Quatro da Manhã

Tentei tirar a fórmula da equação do segundo grau do tênis, mas ela não quer sair! Devo ter usado tinta

permanente ou algo assim! E se meu pai descobrir? Ainda cortam a cabeça de pessoas em Genovia?

51

Segunda-feira, 6 de Outubro,

Sete da Manhã

Resolvi usar minhas botas e jogar fora os tênis a caminho da escola — mas então arrebentei um dos cadarços da bota! Não posso usar nenhum dos outros sapatos porque todos eles são 42 e meu pé cresceu dois centímetros e meio no mês passado! Mal consigo andar de chinelo e os calcanhares ficam sobrando nos meus tamancos. Não tenho opção, a não ser usar os tênis!

Vão descobrir tudo, tenho certeza. Eu tenho certeza que vão.

52

Segunda-feira, 6 de Outubro,

9 da Manhã

No carro a caminho da escola, descobri que podia ter tirado os cadarços do tênis e enfiado nas minhas botas. Eu sou tão burra.

Lilly quer saber por quanto tempo mais papai vai ficar na cidade. Ela não gosta de ser levada de carro à escola. Gosta de pegar o metrô porque pode praticar seu espanhol, lendo todos os cartazes com avisos sobre cuidados de saúde. Respondi que não sabia por quanto tempo papai ia ficar aqui, mas que eu tinha a impressão

de que não me deixariam viajar mais de metrô, para qualquer lugar.

Lilly comentou que papai estava levando longe demais essa coisa da infertilidade, que só porque ele não pode mais deixar ninguém *embarazada* não é razão para essa superproteção comigo. Notei que, ao volante, Lars estava meio que rindo consigo mesmo. Tomara que ele não fale espanhol. Como seria embaraçoso.

De qualquer jeito, Lilly continuou dizendo que eu tinha que tomar uma atitude imediatamente, antes que as coisas piorassem, e que ela já notava que isso estava começando a me fazer mal, porque eu parecia abatida e estava com olheiras.

Claro que estou abatida! Estou acordada desde as três da madrugada, tentando lavar os tênis!

Entrei no banheiro das meninas e tentei lavá-los de novo. Lana Weinberger chegou enquanto eu estava lá. Ela me viu lavando os tênis, apenas moveu os olhos para cima e começou a escovar seus longos cabelos tipo Marcia Brady e a se olhar no espelho. Eu até esperei que ela se aproximasse do reflexo e o beijasse, de tão evidentemente apaixonada por si mesma.

A fórmula da equação do segundo grau ficou toda borrada, mas ainda legível no tênis.

Mas não vou olhar para ela durante o exame, juro.

53

Segunda-feira, 6 de Outubro,

S & T

Ok, confesso. Olhei.

E também não adiantou nada. Depois de recolher as provas, o sr. Gianini resolveu os problemas no quadro-negro e eu errei todos.

EU NEM CONSIGO COLAR DIREITO!!!

Devo ser a figura humana mais patética do planeta.

polinômios

termo: variáveis multiplicadas por um coeficiente

grau do polinômio = grau do termo com o coeficiente mais alto Alô? ALGUÉM se importa??? Quero dizer, alguém se importa de verdade com polinômios? Quero dizer, além de pessoas como Michael Moscovitz e o sr. Gianini.

Alguém mais? Alguém, qualquer um?

Quando a campainha finalmente tocou, o sr. Gianini perguntou: “Mia, terei o prazer de sua companhia esta tarde na aula de revisão?”

Eu disse que sim, mas não disse isso alto bastante para que alguém além dele ouvisse.

Por que eu? Por quê, por quê, por quê? Como se eu já não tivesse o suficiente com que me preocupar. Estou levando pau em álgebra, mamãe está namorando com meu professor e sou a princesa de Genovia.

Alguma coisa tem que dar certo.

Terça-feira, 7 de Outubro

Ode à Álgebra

Jogadas nesta sala de aula nojenta,

morremos como mariposas sem uma lâmpada,

fechadas dentro da desolação de luzes fluorescentes e carteiras de metal.

Dez minutos, até que toque a sineta.

Para que serve em nossa vida diária

a fórmula da equação do segundo grau?

Podemos usá-la para abrir os segredos

dos corações das pessoas que amamos?

Cinco minutos até que toque a sineta.

Professor cruel de álgebra,

você não vai nos dispensar?

DEVER DE CASA

55

Álgebra: problemas 17-30 sobre distribuição de ajuda

Inglês: proposta

Civilizações Mundiais: questões no fim do Capítulo 7

S&T: nenhum

Francês: frases com *huit*, exemplo A, pág. 31.

Biologia: rascunho

Quarta-feira, 8 de Outubro

Oh, não.

Ela está aqui.

Bem, não aqui, exatamente. Mas ela está no país. Está na cidade. Para dizer a verdade, a apenas 57 quarteirões de distância. Está no Plaza, com papai. Graças a Deus. Agora, só vou ter que vê-la depois das aulas e nos fins de semana. Seria um saco se ela estivesse hospedada aqui.

É horrível vê-la como a primeira coisa pela manhã. Ela usa aqueles negligês enfeitados para ir dormir, com partes de renda larga que mostram tudo. Você sabe como é. Coisas que a gente não quer ver. E mais, embora tire a maquiagem quando vai dormir, ela ainda conserva um contorno de pálpebras, tatuados ali na década de 80 quando ela passou por uma rápida fase maníaco-depressiva após a morte da Princesa Grace (é o que mamãe diz). É muito esquisito ver, como primeira coisa pela manhã, uma velhinha usando camisola de renda, com aquelas grandes linhas pretas em volta dos olhos.

Para dizer a verdade, dá medo. Dá mais medo do que Freddy Kruger e Jason juntos.

Não é de espantar que Grandpère tenha morrido na cama de ataque cardíaco. Ele provavelmente rolou para o lado certa manhã e olhou bem para a esposa.

Alguém deveria avisar o presidente de que ela está aqui. Estou falando sério. Ele deveria realmente ser informado.

Porque, se alguém pode desencadear a III Guerra Mundial, esse alguém é minha avó.

Na última vez que a vi, ela estava dando um jantar festivo e servindo foie gras a todo mundo, menos àquela mulher. Ela simplesmente disse a Marie, a cozinheira, que deixasse sem foie gras o prato da tal mulher. E quando eu tentei dar à pobre o meu foie gras, porque pensei que havia acabado — e, de qualquer modo, não como nada que já foi vivo — minha avó disse: “Amelia!” E falou tão alto que me assustou. Com isso fez com que eu deixasse cair no chão minha porção. Aquele horrível poodle miniatura dela pegou a porção no parquete antes mesmo que eu pudesse me mover.

Mais tarde, quando todos foram embora e eu perguntei por que ela não mandou servir foie gras àquela mulher, Grandmère disse que era porque a fulana havia tido um filho fora do casamento.

Alô? Grandmère, você dá licença para eu dizer que seu próprio filho teve uma filha fora do casamento, eu, Mia, sua neta?

Mas quando eu disse isso, Grandmère simplesmente gritou com a empregada para lhe trazer outro drinque. Oh, então acho que tudo bem ter um filho fora do casamento se a gente é PRÍNCIPE. Mas se é apenas plebeu, nada de foie gras.

Oh, não! E se Grandmère vier aqui até o sótão? Ela nunca esteve aqui antes. Eu acho que ela jamais esteve abaixo da rua 57. Ela vai odiar as coisas aqui no Village, estou lhe dizendo desde já. Em nosso bairro, as pessoas do mesmo sexo se beijam e andam de 56

mãos dadas o tempo todo. Grandmère tem ataque até quando vê gente do sexo oposto de mãos dadas. O que é que ela vai fazer no dia da Parada do Orgulho Gay, quando todo mundo se beija, se agarra pelas mãos e berra “Estamos Aqui, Somos Veados, Acabem com Esse Preconceito”? Grandmère não vai superar isso. Pode ter um enfarte. Ela nem gosta de orelhas furadas, quanto mais de outras coisas furadas com piercings.

Além do mais, aqui é proibido por lei fumar em restaurantes e Grandmère fuma o tempo todo, mesmo na cama, o que foi o motivo pelo qual Grandpère mandou instalar aquelas estranhas máscaras descartáveis de oxigênio em todos os cômodos de Miragnac e abrir um túnel subterrâneo pelo qual a gente poderia fugir, no caso de Grandmère cair no sono com um cigarro na boca e o castelo pegar fogo.

Além do mais, Grandmère odeia gatos. Ela acha que eles saltam de propósito em cima de crianças que estão dormindo para sugar o oxigênio delas. O que é que ela vai dizer quando vir Fat Louie? Ele dorme na cama comigo todas as noites. Se um dia ele saltar no meu rosto, vai me matar imediatamente. Ele pesa 13kg e isso antes de comer sua lata de Fancy Feast pela manhã.

E vocês podem imaginar o que ela faria quando conhecesse a coleção de deusas da fecundidade, em madeira, de minha mãe?

Por que ela teve que vir AGORA? Ela vai botar TUDO a perder. Com ELA por aqui não vou poder mais esconder este segredo de ninguém.

Por quê?

Por quê??

PORQUÊ???

57

Quinta-feira, 9 de Outubro

Descobri por quê.

Ela vai me dar lições sobre como ser princesa.

Eu estou num estado de choque profundo demais para poder escrever. Mais, depois.

58

Sexta-feira, 10 de Outubro

Lições sobre como ser princesa.

Não estou brincando. Tenho que ir direto de minha aula de revisão de álgebra para o Plaza, a fim de tomar lições de princesa com minha avó.

Ok, se há um Deus, como isso pôde acontecer?

Estou falando sério. As pessoas dizem que Deus não dá nunca mais do que a gente pode agüentar, mas eu estou dizendo a você, agora mesmo, que não agüento mais. Isso é simplesmente demais! Não posso ir todos os dias, depois da escola, receber lições de como ser princesa.

Papai diz que não tenho escolha. Noite passada, depois de sair do quarto de Grandmère no Plaza, fui direto para o quarto dele. Bati à porta e, quando ele abriu, entrei toda séria e disse que não ia mais fazer isso. De jeito nenhum. Ninguém havia me falado nada sobre lições para ser princesa.

E quer saber o que foi que ele disse? Disse que eu havia assinado o compromisso, então era obrigada a tomar aulas de princesa como parte de meus deveres como herdeira.

Eu disse que a gente teria simplesmente que modificar o compromisso, porque não havia nele nada dizendo que eu tinha que me encontrar com Grandmère todos os dias depois das aulas para tomar lições de como ser princesa.

Mas meu pai não quis nem conversar sobre isso. Disse que estava atrasado e que, por favor, poderíamos conversar sobre o assunto noutra ocasião? E enquanto eu estava ali, dizendo que tudo isso era injusto, entrou uma repórter da ABC. Acho que ela tinha vindo entrevistá-lo, mas aquilo foi meio engraçado, porque já a vi entrevistar pessoas antes e, normalmente, ela não usa vestido preto tomara-que-caia quando entrevista o presidente ou outro figurão.

Vou ter que dar uma boa olhada hoje à noite naquele termo de compromisso, porque não me lembro de dizer coisa nenhuma sobre lições de princesa.

Vejam só como foi minha primeira “lição”, ontem, depois da escola.

Em primeiro lugar, o porteiro não quis nem me deixar entrar ande surpresa). Depois, ele viu Lars, que deve medir 1,90 ou mais e pesar uns 150 kg. Além disso, Lars tinha um volume aparecendo debaixo do paletó e só então descobri que aquilo era uma arma e não um estranho terceiro braço, que foi a primeira coisa que pensei. Fiquei muito sem graça para perguntar o que era aquilo, já que isso poderia trazer à tona recordações dolorosas para ele, de ser perseguido quando criança em

Amsterdã, ou onde quer que tenha nascido. Quero dizer, eu sei o que é ser uma aberração: e é melhor não botar para fora esse tipo de coisa.

Mas, não, é uma arma, e o porteiro ficou todo nervoso e chamou a recepcionista. Graças a Deus, ela reconheceu Lars, que está hospedado ali, afinal de contas, em um quarto da suíte de papai.

59

Então a própria recepcionista me escoltou até a cobertura, que é onde está hospedada Grandmère. Mas eu quero falar sobre a cobertura. É muito luxuosa. Eu disse que o banheiro feminino do Plaza era luxuoso? Pois não é nada em comparação com a cobertura.

Em primeiro lugar, tudo é cor-de-rosa. Paredes, carpete, cortinas, mobília. Há rosas corde-rosa em toda parte e aqueles retratos pendurados na parede, todos eles mostram pastorinhas cor-de-rosa e tudo mais.

E exatamente quando eu pensei que ia me afogar em cor-de_ rosa, entra Grandmère, inteiramente vestida de roxo, com um turbante de seda caindo até as sandálias e anéis de imitação de diamante nos dedos dos pés.

Pelo menos, acho que são de imitação.

Grandmère sempre usa roxo. Lilly diz que pessoas que usam muito essa cor têm distúrbios de personalidade limítrofe, porque sofrem de mania de grandeza.

Tradicionalmente, o roxo sempre representou aristocracia, uma vez que, durante centenas de anos, camponeses não podiam tingir suas roupas com corante azul-escuro e, portanto, não conseguiam obter a cor.

Claro, Lilly não sabe que minha avó É membro da aristocracia. De modo que, embora Grandmère seja definitivamente uma pessoa delirante, não é porque PENSE que é da aristocracia, mas porque É de verdade.

Então Grandmère entra, vindo do terraço, e a primeira coisa que me diz é: “O que é essa coisa escrita aí no seu tênis?”

Mas não precisei me preocupar com a possibilidade de ela saber que eu colava nas provas, porque, imediatamente, ela começou a dizer tudo mais que estava errado comigo:

“Por que você está usando tênis com saia? Essa malha está limpa? Por que você não pode ficar reta? O que é que há com seus cabelos? Você andou roendo as unhas novamente, Amelia? Eu pensava que nós havíamos combinado que você abandonaria esse hábito grosseiro. Deus do céu, você não pode parar de crescer? Seu objetivo é ser tão alta quanto seu pai?”

Tudo isso parecia ainda pior porque era dito em francês.

E em seguida, como se isso já não fosse ruim o suficiente, ela continuou naquela voz velha e esganiçada de fumante inveterada:

„Você não dá nem um beijo em sua grandmère?”

De modo que fui até ela, curvei-me (minha avó é uns 30 cm mais baixa do que eu) e beijei-a na bochecha (que é muito macia porque ela passa vaselina no rosto todas as noites antes de ir dormir) e, quando comecei a me afastar ela me agarrou e continuou:

“*Pfuit*! Você esqueceu tudo que lhe ensinei?” e me obrigou a beijá-la na outra bochecha também, porque na Europa (e no SoHo) é assim que a gente diz oi às pessoas.

De qualquer jeito, eu me abaixei e beijei Grandmère na outra bochecha e, quando fiz isso, observei Rommel espiando atrás dela. Rommel é o poodle miniatura de 15 anos de minha avó. Ele tem a mesma forma e tamanho de uma iguana, só não é tão esperto. Ele se sacode o tempo todo e tem que usar colete antipulga. Hoje, o colete era da mesma cor do vestido de Grandmère. Rommel não deixa que ninguém toque nele, com exceção de Grandmère, e mesmo assim ele mexe os olhos para cima como se estivesse sendo torturado enquanto ela o agrada.

Se tivesse conhecido Rommel, Noé poderia ter abandonado a idéia de embarcar na arca duas de todas as criaturas de Deus.

“Agora”, disse Grandmère quando achou que já havia sido suficientemente carinhosa,

“vamos ver se entendi bem: seu pai disse que você é a princesa de Genovia e você se derramou em lágrimas. O que é que isso significa?”

60

De repente, fiquei muito cansada. Tive que me sentar em uma das cadeiras acolchoadas cor-de-rosa para não cair.

“Oh, Grandmère”, respondi em inglês, “eu não quero ser princesa. Eu só quero ser eu mesma, Mia.”

Grandmère me repreendeu na hora: “Não converse comigo em inglês. É vulgar. Fale francês quando falar comigo. Endireite-se nessa cadeira. Não passe as pernas sobre os braços. E você não é Mia. Na verdade, você é Amelia Mignonette Grimaldi Renaldo.”

Eu respondi: “Você esqueceu Thermopolis”, e Grandmère me lançou aquele olhar maligno. Ela é muito boa nisso.

“Não”, respondeu ela. “Eu não esqueci o Thermopolis.”

Vovó se sentou em uma poltrona junto de mim e disse: “Você está dizendo que não deseja assumir o lugar que de direito lhe pertence, o trono.”

Pô, como eu estava cansada. “Grandmère, você sabe tanto quanto eu que não sou material de princesa, Ok? Se é assim, por que estamos perdendo esse tempo todo?”

Grandmère me olhou de dentro das tatuagens gêmeas das pálpebras. Eu podia ver que ela queria me matar, mas provavelmente não conseguia descobrir como fazer isso sem sujar de sangue o carpete cor-de-rosa.

“Você é a herdeira da coroa de Genovia”, disse ela em uma voz totalmente séria. “E vai tomar o lugar de meu filho no trono quando ele falecer. E é assim que vai ser. Não há outra maneira.”

Não diga!

De modo que eu disse mais ou menos o seguinte: “Tudo bem, o que a senhora quiser, Grandmère. Escute. Eu tenho um monte de dever de casa para fazer. Esta coisa de princesa vai demorar muito?”

Grandmère apenas olhou para mim. „Vai durar tanto quanto tiver que durar”, disse.

“Não tenho medo de sacrificar meu tempo — ou sacrificar a mim mesma — pelo bem de meu país.”

Uau! A coisa estava se tornando muito patriótica. “Humm”, disse eu. “Tudo bem.”

Então olhei fixamente para ela durante algum tempo, ela olhou fixamente de volta para mim, enquanto Rommel se deitava no carpete entre nossas poltronas, só que ele fez isso bem devagar, como se suas pernas fossem delicadas demais para agüentar seu 1 kg de peso, e em seguida Grandmère rompeu o silêncio, dizendo: “Começaremos amanhã.

Você virá para cá diretamente da escola.”

“Hummm, Grandmère. Não posso vir direto da escola. Estou levando pau em álgebra e tenho revisão todos os dias, depois das aulas.”

“Nesse caso, depois disso. Nada de vadiagem. Traga uma lista das dez mulheres que você mais admira no mundo e o motivo por quê. Por hoje, é só.”

Fiquei boquiaberta. Dever de casa? Vai ter dever de casa? Ninguém disse nada sobre dever de casa!

“E feche a boca”, disse ela secamente. “É deselegante deixar a boca aberta dessa maneira.”

Fechei a boca. Dever de casa???

„Amanhã, você vai usar meias de nylon. Não malha. Não meias pelos joelhos. Você já está crescida demais para

malha e meias pelos joelhos. E vai usar os sapatos da escola, e não tênis. Vai arrumar os cabelos, usar batom, e pintar as unhas — o que resta delas, pelo menos.” Grandmère levantou-se. Não precisou nem empurrar com as mãos os braços da cadeira para se levantar. Grandmère é muito ágil para a idade. “Agora, vou ter que me vestir para jantar com o xá. Adeus.”

Eu fiquei simplesmente sentada ali. Ela estava louca? Completamente pirada? Tinha a menor idéia do que estava pedindo que eu fizesse?

61

Evidentemente tinha, já que, quando menos esperava, Lars estava ali e ela e Rommel haviam desaparecido.

Meu Deus! Dever de casa!!! Ninguém disse que ia ter dever de casa.

E isso não foi o pior. Meia-calça? Para ir à escola? Quero dizer as únicas meninas que usam meia-calça na escola são garotas como Lana Weinberger e as veteranas, e gente desse tipo. Sabe como é. Exibicionistas. Nenhuma de minhas amigas usa meia-calça.

E, eu poderia acrescentar, nenhuma delas usa batom, base nas unhas ou arruma os cabelos. Não para a escola, pelo menos.

Mas que escolha eu tinha? Grandmère me apavorava por completo, com suas pálpebras tatuados e tudo mais. Eu NÃO podia fazer o que ela disse.

Então o que fiz foi pegar emprestadas umas duas meias-calças de mamãe. Ela sempre as usa quando tem uma inauguração — e quando sai com o sr. Gianini, notei isso.

Levei um par comigo na mochila quando fui para a escola. Eu não tinha unhas para pintar —de acordo com Lilly, eu tenho uma fixação oral; se alguma coisa cabe na minha boca, é aí que a boto — mas também peguei emprestado um dos batons de minha mãe. E

experimentei um fixador de cabelo que encontrei no armarinho de remédios. Deve ter funcionado porque, quando Lilly entrou no carro naquela manhã, disse: “Onde foi que você pegou essa garota de Jersey, Lars?”

O que significava que meu cabelo estava realmente legal, como as moças de Nova Jersey usam quando vêm a Manhattan para um jantar romântico na little Italy com seus namorados.

Então, depois da aula de revisão como sr. G no fim do dia, fui ao banheiro das meninas e vesti a meia-calça, passei o batom, e calcei os mocassins, que são muito pequenos e apertam meus dedos. Quando me olhei no espelho, achei que não estava tão ruim assim.

Achei que Grandmère não ia ter motivo para queixa.

Achei que tinha sido muito esperta esperando para me trocar depois da escola. Achei que, numa tarde de sexta-feira, não haveria ninguém circulando por ali. Quem quer ficar circulando na escola numa sexta-feira?

Eu havia esquecido, claro, o Clube do Computador.

Todo mundo esquece o Clube do Computador, até os próprios sócios. Eles não têm amigo nenhum, exceto eles mesmos, e nunca saem com uma garota — só que, ao contrário de mim, fazem isso por escolha: ninguém na Albert Einstein é bastante sabido para eles — exceto, claro, eles mesmos.

De qualquer modo, saí do banheiro das meninas e dei de cara com o irmão de Lilly, Michael. Ele é o tesoureiro do Clube do Computador. É bastante esperto para ser presidente, mas diz que não tem interesse em ser uma figura decorativa.

“Cristo, Thermopolis”, disse ele, enquanto eu me agitava, tentando apanhar tudo que havia deixado cair — como meus tênis de cano alto, meias e o resto — e acabei me chocando com ele. “O que foi que aconteceu com você?”

Pensei que ele quisesse saber por que estava ali tão tarde. „Você sabe, tenho que me encontrar com o sr. Gianini todos os dias após as aulas, porque estou levando pau em álge...”

“Eu sei disso.” Michael ergueu o batom que tinha pulado de minha mochila. “Quero dizer, por que a pintura de guerra?”

Tomei o batom da mão dele. “Por nada. Não diga a Lilly.”

“Não dizer a Lilly o quê?” Eu me levantei nesse momento e ele percebeu a meia-calça.

“Meu Deus, Thermopolis. Aonde você vai?”

“A lugar nenhum.” Será que eu vou ser sempre obrigada a mentir o tempo todo? Eu gostaria, mesmo, que ele se mandasse. Um bando de seus amigos nerds olhava para

mim fixamente como se eu fosse uma nova tonalidade de pixel ou coisa parecida. E

aquilo estava me deixando muito envergonhada.

“Ninguém vai a *lugar nenhum* com essa aparência.” Michael trocou o laptop de braço e o rosto dele ficou engraçado. “Thermopolis, você vai sair com um namorado?”

“O quê? Não, não vou sair com namorado nenhum!” Fiquei inteiramente chocada com essa idéia. *Um namorado*? *Eu*? Essa não. “Vou me encontrar com minha avó.”

Michael fez uma cara de que não acreditava em mim. “E você geralmente usa batom e meia-calça para visitar sua avó?”

Ouvi uma tossida discreta, olhei pelo corredor, e vi Lars junto à porta, me esperando.

Acho que poderia ter ficado ali e explicado que minha avó havia me ameaçado com castigo físico (bem, praticamente), se eu não usasse maquiagem e meia-calça para ir me encontrar com ela. Então eu disse:

“Escute aqui, não diga a Lilly, Ok?”

Depois saí de lá correndo.

Eu sabia que estava ferrada. Era impossível Michael não dizer à irmã que tinha me visto saindo do banheiro das meninas, depois da aula, usando batom e meia-calça.

Impossível.

E Grandmère foi HORRÍVEL comigo. Disse que o batom que eu usava fazia com que eu parecesse uma *poulet*. Pelo menos, foi isso que eu pensei que ela disse e não entendi por que ela achava que eu parecia uma franga. Mas acabei procurando *poulet* no meu dicionário inglês-

francês e descobri que *poulet* também pode significar “prostituta”!

Minha avó me chamou de puta?

Meu Deus! Cadê aquelas avós boazinhas que fazem bolinhos para a gente e dizem que nós somos as coisinhas mais lindas do mundo?

É só sorte minha ter uma avó que usa delineador de olhos tatuado e diz que eu pareço uma puta.

E disse que a meia-calça que eu usava era da cor errada. Como é que podia ser errada?

Era da cor de meia-calça! Em seguida, ela me obrigou a sentar, treinando durante duas horas, para que a calcinha não aparecesse entre minhas pernas!

Estou pensando em ligar para a Anistia Internacional. Isto deve ser considerado tortura.

E quando dei a ela meu trabalho sobre as dez mulheres que mais admiro, ela leu e, em seguida, rasgou tudo em pedacinhos! Não estou brincando!

Não pude deixar de gritar: “Grandmère, por que foi que você fez isso?”, e ela respondeu, com toda calma: “Esses não são os tipos de mulher que você deve admirar.

Você deve admirar mulheres *de verdade*.

Perguntei o que era que ela queria dizer com “*mulheres de verdade*”, porque todas as da minha lista eram mulheres de verdade. Quero dizer, Madonna pode ter feito algumas plásticas, mas ela continua a ser de verdade.

Mas Grandmère diz que mulheres autênticas são a Princesa Grace e Coco Chanel. Eu lembrei que a Princesa Diana estava na minha lista, e quer saber o que ela disse? Disse que acha que a Princesa Diana foi “um instante só”l Foi isso o que disse que ela era. Um

“instante só”.

Meu Deus!

Depois de a gente ter praticado sentar durante uma hora, Grandmère disse que tinha que ir tomar banho, porque ia jantar naquela noite com algum primeiro-ministro. E me disse para estar no Plaza amanhã não depois das dez — dez da manhã!

“Grandmère”, disse eu. “Amanhã é sábado.”

“Eu sei.”

“Mas, Grandmère”, continuei, “sábados são os dias em que ajudo minha amiga Lilly a filmar seu programa de TV..”

Grandmère, então, me perguntou o que era mais importante, o programa de TV de Lilly ou o bem-estar do povo de Genovia, que, caso eu não soubesse, estava na faixa dos 50

mil habitantes.

Acho que 50 mil pessoas são mais importantes do que um episódio do *Lilly Tells It Like It Is*. Ainda assim, vai ser difícil explicar a Lilly por que não vou poder segurar a câmera quando ela estiver conversando com o sr. e a

sra. Ho, donos da Ho‟s Deli, que fica no outro lado da rua, em frente à Albert Einstein, sobre suas políticas injustas de preços. Lilly descobriu que o sr. e a sra. Ho dão grandes descontos a estudantes asiáticos da Albert Einstein, mas nenhum desconto a estudantes brancos, afro-americanos latinos ou árabes. Lilly descobriu isso ontem, depois do ensaio da peça, quando foi comprar pastilhas de ginkgo biloba, e Ling Su, que estava na frente dela na fila, comprou a mesma coisa. Mas a sra. Ho cobrou dela (Lilly) cinco centavos a mais do que Ling Su pagou pelo mesmo produto.

E, quando Lilly protestou, a sra. Ho fingiu que não falava inglês, mesmo devendo falar um pouco, ou por que seu miniaparelho de TV estaria sempre ligado no programa da juíza Judy?

Lilly resolveu filmar e gravar às escondidas os Ho em vídeo para reunir prova do tratamento descaradamente preferencial que eles dão a asiático-americanos. Ela vai pedir um boicote geral da escola à Ho‟s Deli.

Na verdade, acho que Lilly está criando um caso muito grande por causa de cinco centavos. Mas Lilly diz que é uma questão de princípio e que, talvez, se as pessoas tivessem protestado quando os nazistas quebraram as vitrines das lojas dos judeus na Kristalnacht, eles não teriam colocado tanta gente nos fornos.

Não sei. Os Ho não são exatamente nazistas. São muito gentis com o gato que criaram desde pequenininho para afugentar os ratos que querem comer as coxas de frango no bufê.

Talvez eu não esteja com tanta pena de perder a gravação amanhã.

Mas estou triste porque Grandmère rasgou minha lista das dez mulheres que mais admiro. Eu achei que a lista era legal. Quando voltei para casa, imprimi novamente a lista, só porque fiquei uma fera quando ela a rasgou daquela maneira. E incluí uma cópia neste diário.

Mas, depois de reler com todo cuidado minha cópia do Acordo Renaldo-Thermopolis, não encontrei nada sobre lições de princesa. Alguma coisa vai ter que ser feita a este respeito. Passei a noite toda deixando recados para meu pai, mas ele não respondeu.

Onde estará ele?

Lilly também não está em casa. Maya disse que os Moscovitz foram jantar, como uma família, no Great Shanghai, para se conhecerem melhor como seres humanos.

Como eu gostaria que Lilly comesse logo, voltasse para casa e respondesse aos meus telefonemas. Não quero que ela pense que sou contra sua investigação pioneira da Ho‟s Deli. Eu quero apenas contar a ela que a razão para não dar as caras é que vou ter que passar o dia com minha avó.

Eu odeio minha vida.

64

As Dez Mulheres que Mais Admiro em Todo o Mundo

por Mia Thermopolis

Madonna*. Madonna Ciccone revolucionou o mundo da moda com seu senso iconodasta de estilo, ofendendo às*

vezes pessoas que não têm idéias muito liberais —

por exemplo, com brincos de imitação de diamante em forma de cruz, o que levou muitos grupos cristãos — ou que não têm senso de humor — a banir seus CDs, como a Pepsi, que não gostou quando ela dançou na frente de cruzes em chamas. E, porque não tinha medo de enfurecer pessoas como o Papa Madonna tornou-se uma das artistas mais ricas do mundo, abrindo o caminho para outras artistas em toda parte, ao lhes mostrar que é possível ser sexy no palco e bem esperta fora dele.

***Princesa Diana**. Mesmo que já tenha morrido, a Princesa Diana é uma de minhas mulheres favoritas de todos os tempos. Ela também revolucionou o mundo da moda ao recusar-se a usar aqueles velhos e horrorosos chapéus que a sogra lhe disse para usar e, em vez disso, usava 1-lalston e Bill Blass. Além disso, ela visitou um monte de gente muito doente, mesmo que ninguém a obrigasse afazer isso, e algumas pessoas, como o marido, até zombassem dela. Na noite em que a Princesa Diana morreu, desliguei a TV*

e disse que nunca mais a ligaria, já que foi a mídia que a matou. Mas me arrependi na manhã seguinte, quando descobri que não podia assistir aos desenhos japoneses no canal de ficção científica, porque desligar a TV bagunçou nosso receptor de TV a cabo.

***Hillary Rodham Clinton.** Hillary Rodham Clinton se mancou e reconheceu que seus tornozelos grossos prejudicavam sua imagem como política séria e, por isso, começou a usar calça comprida. Além disso, mesmo que todo mundo a criticasse o tempo todo por não chutar o marido, que andava fazendo sacanagem quando ela não estava olhando, ela fingiu que não acontecia nada e*

continuou a governar o país, como sempre fez, que é como uma presidente deve se comportar

Picabo Street*. Ela ganhou todas as medalhas em esqui, tudo isso porque treinava como uma doida e nunca desistia, mesmo quando se esborrachava em cercas e coisas assim, Além do mais, escolheu seu próprio nome, o que é legal.*

Leola Mae Hamon*. Assisti a um filme sobre ela no canal Lifetime. Leola era uma major da Força Aérea que ficou com a parte inferior do rosto toda deformada por causa de um acidente de automóvel, até que Asmand Assante, que faz o papel de um cirurgião plástico, disse que podia consertá-lo. Leola teve que suportar horas de dolorosa cirurgia reparadora, durante as quais o marido abandonou-a porque ela não tinha mais lábios (o que acho que é o motivo do filme se chamar* Por Que Eu *?). Asmand Assante disse que poderia fazer um novo par de lábios para ela, só que os outros* 65

médicos da Força Aérea não gostaram do fato de que ele queria fazê-los com pele da vagina de Leola. Mas ele fez, de qualquer jeito, e em seguida ele e Leola casaram e trabalharam juntos para dar lábios de vagina a outras vítimas de acidentes. E o filme todo baseou-se em um caso real.

Joana d'Arc. *Joana d"Arc — ou Jeanne d"Arc como dizem na França — viveu lá pelo século XII e um dia, quando era da minha idade, ouviu um anjo dizer que pegasse em armas e fosse ajudar o exército francês a combater os britânicos (os franceses estiveram sempre combatendo os britânicos, até que os nazistas atacaram e eles só sabiam dizer „* Zut aors *? Vocês podem nos ajudar? „ e os britânicos tiveram que entrar na dança*

para tentar salvar aqueles bundas-moles fato pelo qual nenhum francês se mostrou devidamente agradecido, como exemplificado pelo péssimo serviço de manutenção de estradas do país. Ver a morte da Princesa Diana, acima). De qualquer modo, Joana cortou os cabelos, arranjou uma armadura, exatamente igual à de Mulan no filme da Disney, foi em frente e levou os franceses à vitória em várias batalhas. Mas em seguida, como políticos típicos, o governo francês chegou à conclusão de que Joana havia se tornado poderosa demais, então a acusaram de feiticeira e a incineraram em uma estaca. E, ao contrário de Lilly, NÃO acredito que Joana estava sofrendo um início de esquizofrenia de adolescente. Acredito que anjos DE FATO falaram com ela.

Nenhum dos esquizofrênicos da nossa escola jamais ouviu voz de anjo mandando que ele fizesse alguma coisa realmente legal, como comandar oa país em uma batalha.

Tudo que as vozes de Brandon Hertzenbaum disseram a ele foi para entrar no sanitário dos meninas e escrever a palavra "Satanás" nas portas dos reservados, usando a ponta de um compasso.

***Christy**. Christy não é realmente uma pessoa, mas a heroína fictícia de meu livro favorito de todos os tempos, chamado Christy de Catherine Marshall. Christy é uma mocinha que vai ser, no início do século, professora nas Smokey Mountains, Porque acredita que pode ser muito útil, e todos aqueles caras realmente quentes se apaixonam por ela, ela descobre Deus, pega febre tifóide e assim por diante. Só não digo a ninguém, especialmente a Lilly, que é o meu livro predileto, porque é meio sentimental e rel91050 nüo tem naves espaciais nem serial killers.*

A Policial Feminina que Vi *uma vez multou um motorista de caminhão por buzinar para uma mulher que estava atravessando a sua (a saia dela era bem curtinha). A policial disse a ele que ali era zona de silêncio e, depois, quando ele reclamou multou-o de novo por discutir com uma representante da lei.*

Lilly Moscovitz*. Lilly Moscovtz não é realmente uma mulher mas, ainda assim, é uma pessoa que admiro muito. Ela é muito inteligente, mas, ao contrário de muita gente inteligente não esfrega na minha cara o tempo todo que é muyoi mais inteligente do que eu, Bem, pelo menos, não muito. Lilly está sempre inventando coisas engraçadas para a gente fazer, como ir à Barnes&Noble e me filmar com uma câmera escondida perguntando à Sra. Laura, que estava autografando um livro ali, se ela sabe tanto de tudo, por que se divorciou, e em seguida mostrando a cena no programa de TV (dela, Lilly), incluindo a parte em que fomos expulsas de lá e proibidas para sempre de entrar na Barnes&Noble da Union Square. Lilly é minha melhor amiga e eu conto tudo a ela, exceto a parte sobre eu ser princesa que não acho que ela vá compreender*

Helen Thermopolis. *Helen Thermopolis, além de ser minha mãe, é uma pintora muito talentosa e foi matéria na revista Au in America como uma das pintoras mais importantes do novo milênio. O quadro dela Woman Waiting for Price Check at the Grand Union ganhou aquele grande prêmio nacional e foi vendido por US$ 140 mil, dos quais mamãe só ficou com uma parte, porque 15 por cento eram da galeria de arte e metade do que sobrou foi para pagar imposto, o que fede, se quer saber de minha opinião. Eu a respeito também porque ela é*

uma mulher de princípios profundos: diz que nunca pensaria em infligir as coisas que pensa a outras pessoas e que gostaria que essas outras pessoas fizessem a mesma cortesia com ela.

Você pode acreditar que Grandmère rasgou essa lista? Ouça o que estou dizendo, este é o tipo de redação que poderia botar um país de joelhos.

67

Sábado, 11 de Outubro, 9:30

da Manhã

Então eu tinha razão: Lilly pensa mesmo que não vou participar da gravação de hoje porque sou contra o boicote que ela quer fazer contra os Ho.

Respondi que isso não era verdade, que tinha que passar o dia com minha avó. Mas, quer saber de uma coisa? Ela não acreditou. Na única vez em que digo a verdade, ela não acredita em mim.

Lilly disse que se eu realmente quisesse me livrar do dia com minha avó poderia fazer isso, mas, porque sou tão dependente, não posso dizer não a ninguém. Isso nem faz sentido, já que, obviamente, estou dizendo não a ela. Quando chamei sua atenção para isso, porém, ela ficou ainda mais zangada. Não posso dizer não à minha avó, porque ela tem uns 65 anos de idade e vai morrer logo, se é que há justiça no mundo.

Além do mais, você não conhece minha avó, disse eu. Ninguém diz não à minha avó.

E então Lilly continuou: “Não, não conheço sua avó, conheço, Mia? Isso não é curioso, considerando o fato de que você conhece todos os meus avós” — os Moscovitz me convidam todos os anos para o jantar da Páscoa dos judeus — “e eu ainda não conheci nenhum dos seus?”

Bem, claro, a razão disso é que os pais de minha mãe são uns fazendeiros que moram num lugar chamado Versailies, Indiana, só que eles pronunciam “Ver-sales”. Os pais de minha mãe têm medo de vir a Nova York, porque dizem que aqui tem muitos

“estranjas” — com o que querem dizer “estrangeiros” — e tudo que não for cem por cento americano deixa eles assustados, uma das razões por que minha mãe saiu de casa quando tinha 18 anos e só voltou lá duas vezes, e, nas duas, comigo. Deixe que eu diga, Versailies é uma cidade muito, muito pequena. Tão pequena que há um cartaz na porta do banco dizendo SE O BANCO ESTIVER FECHADO, POR FAVOR, ENFIE O

DINHEIRO POR BAIXO DA PORTA. Não estou mentindo. Tirei foto do cartaz e trouxe para mostrar a todo mundo, porque eu sabia que ninguém ia acreditar em mim. A foto está pendurada na porta da nossa geladeira.

De qualquer jeito, vovô e vovó Thermopolis não saem muito de Indiana.

E a razão por que nunca apresentei Lilly a Grandmère Renaldo é que ela odeia crianças.

E não posso apresentá-la agora porque Lilly vai descobrir que sou a princesa de Genovia e, pode apostar, nunca vou ouvir o fim disso. Ela provavelmente ia querer me entrevistar para seu programa na TV Era só o que

faltava: meu nome e imagem colados por toda parte numa propaganda da Manhattan Public Access.

Enquanto eu estava contando a Lilly tudo isso — que tinha que passar o dia com minha avó, não que era princesa, claro — ouvia a respiração dela no telefone, daquela maneira 68

que ela faz quando está cheia de raiva, e finalmente ela disse: “Oh, então venha hoje à noite e me ajude a editar o filme” e bateu o telefone na minha cara.

Meu Deus!

Bem, pelo menos Michael não contou a ela sobre o batom e a meia-calça. Isso teria deixado Lilly realmente furiosa. Ela nunca acreditaria que eu estava apenas indo visitar minha avó. De jeito nenhum.

Tudo isso estava acontecendo às 9:30h, quando eu estava me arrumando para ir visitar Grandmère. Grandmère disse que, só por hoje, não preciso usar meia-calça e batom.

Disse que eu podia usar o que quisesse. Então botei um macaquinho. Sei que ela odeia, mas ela disse que eu podia usar o que quisesse. Ha, ha, ha.

Uau, tenho que ir. Lars acaba de parar em frente ao Plaza. Chegamos.

Sábado, 11 de Outubro

Nunca mais posso ir à escola. Nunca mais posso ir a qualquer lugar. Nunca mais vou deixar este sótão, nunca mais, nunca mais.

Vocês não vão acreditar no que ela fez comigo. Eu não posso. Não posso acreditar que papai deixasse que ela fizesse isso comigo.

Bem, ele vai ter que me pagar por isso. Vai pagar, mesmo, e quero dizer vai pagar PRA VALER. Logo que cheguei em casa (logo depois mamãe disse “Oi, Rosemary, onde está seu bebê?”, o que acho que era uma espécie de piada sobre meu novo corte de cabelo, mas NÃO tinha nada de engraçado), fui direto a ele e disse: “Você vai pagar por isto. E caro.”

Quem foi que disse que eu tenho medo de confrontação?

Ele fez tudo que podia para escapar, dizendo: “O que é que você quer dizer com isso?

Mia, acho que você está linda. Não ligue para sua mãe. O que é que ela sabe? Gosto de seu cabelo. Está tão...”

Meu Deus, eu gostaria de saber por quê? Talvez porque a mãe dele se encontrou comigo e com Lars na recepção logo que entregamos o carro ao manobreiro e simplesmente apontou para a porta. Voltou a apontar para a porta e disse “*On y va*”, que em inglês significa “Vamos”.

„Vamos para onde?” perguntei, toda inocente (isso aconteceu esta manhã, lembrem-se, quando eu era ainda inocente).

“Chez Paolo”, disse Grandmère. *Chez Paolo* significa “à casa de Paul”. Então pensei que a gente ia visitar um dos amigos dela, talvez para um brunch ou coisa assim, e eu pensei, ahn, legal, viagem de exploração. Talvez essas lições de princesa não sejam tão ruins assim.

Mas, quando chegamos lá, vi que a Chez Paolo não era absolutamente uma casa. No começo, não consegui saber o que era. Parecia mais ou menos um hospitalzinho de luxo

— todo de vidro fosco e com arvorezinhas japonesas. Entramos e toda aquela gente magrela pairava por ali, todos vestidos de preto. Estavam todos emocionados por ver minha avó e levaram a gente para uma sala pequena, cheia de sofás e um monte de revistas. Aí eu pensei que talvez Grandmère tivesse marcado uma plástica e embora eu seja contra cirurgia plástica — a menos que a pessoa seja igual a Leola Mae e precise de lábios — eu até gostei, pelo menos ela deixaria de me encher por algum tempo.

Cara, como me enganei! Paolo não é médico. Duvido mesmo que ele já tenha feito faculdade! Paolo é *estilista*! Pior, ele estiliza pessoas! Estou falando sério. Ele pega pessoas comuns, desengonçadas como eu, e torna-as elegantes — por dinheiro. E vovó 69

jogou ele contra mim! *Contra mim*! Como se já não bastasse eu não ter seios. Ela tinha que dizer uma coisa dessas a um cara chamado Paolo?

De qualquer maneira, que tipo de nome é esse, Paolo? Quero dizer, isto aqui é América, pelo amor de Deus! SEU NOME É PAUL!!!

Foi isso o que eu quis gritar na cara dele. Mas, claro, não pude. Quero dizer, não era culpa de Paolo que minha avó tivesse me arrastado para lá. E, como ele teve o cuidado de me dizer, só arranjou tempo para mim em sua agenda completamente lotada porque Grandmère disse a ele que era uma grande emergência.

Deus, que coisa mais embaraçosa. *Eu* sou uma *emergência* da moda. De qualquer jeito, fiquei uma fera com Grandmère, mas não podia começar a gritar ali, na frente de Paolo.

Ela também sabia muito bem disso. Ela se sentou no sofá de veludo, alisando Rommel, que se sentou no colo dela com as pernas cruzadas — ela conseguiu ensinar até ao cachorro como se sentar como uma dama fina, e ele é menino — tomando golinhos de Sidecar, que deu um jeito de alguém preparar para ela, e lendo *W*.

Enquanto isso, Paolo arrancava tufos enormes de meus cabelos, fazendo uma careta e dizendo com a maior tristeza: “Vai ter que ir. Todo ele tem que ir.”

E ele foi. Todo ele. Bem, quase todo. Ainda tenho uns cachos e uma pequena franja atrás.

Será que eu disse que não sou mais loura com cabelos cor de água de lavar louça? Não, agora sou apenas uma velha loura comum.

E Paolo não parou por aí. Ah, não. Eu agora tenho unhas nos dedos das mãos. Não estou brincando. Pela primeira vez em minha vida, tenho unhas nos dedos das mãos. São inteiramente postiças, mas tenho. E até parece que já tenho elas há algum tempo. Tentei arrancar uma delas, e como DOEU. Afinal de contas, que tipo de cola de astronauta essa manicure usou?

Você pode perguntar por quê, se eu não queria todo o meu cabelo arrancado e unhas postiças coladas em cima dos restos das minhas unhas naturais, eu deixei que fizessem tudo isso comigo.

Eu mesma estou me perguntando isso. Quero dizer, eu sei que tenho medo de confrontações. Então, claro que eu não ia jogar meu copo de limonada no chão e dizer:

“Ok, pare com essa frescura toda em cima de mim, agora mesmo!” Quero dizer, eles me deram limonada! Vocês podem imaginar uma coisa dessas? Na International House of Hair, aonde mamãe e eu vamos geralmente, lá na Sexta Avenida, é claro que eles não dão limonada pra gente, mas pelo corte e escova a seco cobram apenas US$ 9,99.

E é meio difícil, quando todas aquelas pessoas bonitas, elegantes, dizem como a gente parece bem usando isto e como nossas maçãs do rosto ganham vida com aquilo, a gente se lembrar que é feminista e ambientalista e que não acredita em usar maquiagem ou produtos químicos que sejam nocivos para o planeta. Quero dizer, eu não quis ferir os sentimentos deles ou fazer uma cena, ou coisa parecida.

E eu continuava a dizer a mim mesma: Ela está fazendo isso apenas porque ama você.

Minha avó, quero dizer. Sei que ela provavelmente não estava fazendo isso por tal razão não acredito que Grandmère me ame mais do que eu a amo — mas eu disse isso a mim mesma, de qualquer jeito.

Eu disse isso a mim mesma depois que saímos do Paolo e fomos à Bergdorf Goodman, onde Grandmère me comprou quatro pares de sapatos que custaram quase tanto quanto a extração daquela meia do intestino delgado de Fat Louie. Disse isso a mim mesma depois que ela me comprou um monte de roupas que nunca vou usar. Eu disse a ela que não vou nunca usar essas

roupas, mas ela simplesmente fez um gesto de pouco caso para mim. Algo como continue, continue, você diz tanta coisa engraçada.

70

Eu, pelo menos neste caso, não vou agüentar. Não há um único centímetro em mim que não tenha sido beliscado, cortado, limado, pintado, amassado, secado ou umedecido. Eu tenho até unhas.

Mas não me sinto feliz. Nem um pouquinho. Grandmère está feliz, Grandmère está radiante de felicidade com minha aparência. Porque eu não pareço em nada com Mia Thermopolis. Mia Thermopolis nunca teve unhas. Mia Thermopolis nunca usou maquiagem, sapatos Gucci, saias Chanel ou sutiã Christian Dior, que, por falar nisso, nem tem o número 32A, que é meu tamanho. Eu nem sei mais quem sou. Esta aqui certamente não é Mia Thermopolis.

Ela está me transformando em uma outra pessoa.

Por isso fiquei na frente do meu pai e soltei os cachorros:

“Primeiro, ela me obriga a fazer dever de casa. Depois rasga todo o trabalho que fiz.

Depois me ensina como sentar. Em seguida, manda tingir meu cabelo de uma cor diferente e arrancar a maior parte dele, manda alguém colocar pequenas pranchas de surfe em cima de minhas unhas, compra sapatos que custam tanto quanto uma cirurgia no veterinário e roupas que me fazem parecer Vicky a filha do comandante naquela velha série da década de 70, *The Love Boat*.

Papai, sinto muito, mas não sou Vicky e nunca vou ser, por mais que Grandmère me vista como ela. Não vou me dar bem na escola, parecer superalegre o tempo todo, ou ter qualquer romance a bordo. Isso é coisa de Vicky. Não minha!”

Minha mãe estava saindo do quarto, aonde tinha ido retocar sua roupa de sair, quando eu gritei tudo isso. Ela usava roupas novas. Um tipo de saia espanhola com muitas cores e uma espécie de bustiê. Os cabelos longos estavam no lugar certo e ela parecia realmente maravilhosa. Para dizer a verdade, meu pai foi novamente pegar uma bebida no bar logo que a viu.

“Mia”, disse ela, enquanto colocava um brinco, está lhe pedindo que seja Vicky, a filha do comandante.”

“Grandmère está!”

“Sua avó está apenas te preparando, Mia.”

“Me preparando para quê? Eu não posso ir para a escola deste jeito, você sabe muito bem”, gritei.

Mamãe pareceu meio confusa.

“Por que não?”

Oh, meu Deus. Por que eu?

“Porque”, respondi com toda paciência possível, eu não quero que ninguém na escola descubra que eu sou princesa de Genovia!”

Mamãe sacudiu a cabeça.

“Mia, amor, algum dia eles vão descobrir.”

Não sei como. Entenda, já planejei tudo: só vou ser princesa em Genovia, e já que a possibilidade de alguém que eu conheço da escola ir a Genovia é praticamente igual a zero, ninguém aqui vai saber, então estou inteiramente a salvo de ser marcada como anormal, como Tina Hakim Baba. Bem, pelo menos não a tipo de aberração que tem que ir para a escola todos os dias em e com motorista e seguida por seguranças.

“Bem”, comentou mamãe depois que eu lhe disse tudo isso. “E se aparecer no jornal?”

“Por que apareceria no jornal?”

Mamãe olhou para papai. Papai desviou a vista e um pequeno gole da bebida.

Você não acreditaria no que ele fez em seguida. de lado, enfiou a mão no bolso da calça, tirou sua carteira Prada, abriu, e perguntou: “Quanto?”

Fiquei chocada. Mamãe também.

“Phillipe...”, disse ela. Mas papai simplesmente continuou a olhar para mim.

“Estou falando sério, Helen”, disse ele. “Estou vendo que o acordo que redigimos não está nos levando a lugar nenhum. Então, quanto vou ter que lhe pagar, Mia, para que você deixe que sua avó a transforme em uma princesa?”

“É isso o que ela está fazendo?”, gritei um pouco mais. “Se é isso que ela está fazendo, ela confundiu tudo. Eu nunca vi uma princesa com cabelo tão curto assim ou

com pés tão grandes como os meus, e que não tem seios!”

Papai apenas deu uma olhada no relógio. Acho que ele tinha algum compromisso.

Aposto que era outra “entrevista” com aquela âncora loura do ABC News.

“Considere isso um emprego”, disse ele, “essa aprendizagem de como ser princesa. Eu pago seu salário. Agora, quanto é que você quer?”

Comecei a gritar ainda mais, proclamando minha integridade pessoal e que me recusava a vender a alma à loja da companhia, esse tipo de coisa. Coisas que aprendi em alguns discos antigos da minha mãe. Acho que ela percebeu isso, porque começou a se afastar de mansinho, dizendo que tinha que se aprontar para o encontro com o sr. G. Meu pai lhe lançou um olhar maligno — ele pode fazer isso quase tão bem quanto Grandmère —

, depois suspirou e continuou:

“Mia, eu darei um donativo de cem dólares diários em seu nome ao — qual é o nome da coisa? Oh, sim... — Greenpeace, eles poderão salvar quantas baleias quiserem, se você fizer minha mãe feliz, deixando que ela lhe ensine como ser princesa.”

Bem...

A coisa mudou de figura. Seria uma coisa se ele me pagasse para eu deixar que meu cabelo fosse quimicamente mudado. Mas doar cem dólares por dia ao Greenpeace? Isso significa US$365 mil por ano! Ora, o

Greenpeace vai ter que me contratar depois que eu me formar. Até lá, terei doado praticamente um milhão de dólares!

Espere aí, talvez sejam apenas US$ 36,5 mil. Cadê minha calculadora????

72

Mais Tarde, no Sábado

Bem, eu não sei quem Lilly Moscovitz pensa que é, mas tenho certeza de que sei quem ela não é: minha amiga. Não acho que alguém que era minha amiga pudesse ter sido tão mesquinha como Lilly foi esta noite. Não consigo acreditar. E tudo por causa do meu cabelo!

Acho que poderia entender se ela ficasse com raiva de mim por causa de alguma coisa importante — como deixar de ajudar na gravação do episódio Ho. Quero dizer, eu sou uma espécie de primeira-câmera do *Lilly Tells It Like It Is*. E faço também um monte de trabalho de carpintaria teatral. Quando não posso ir, Shameeka tem que fazer não só seu trabalho, mas também o meu, e ela já é produtora-executiva e responsável pelas locações.

Então acho que poderia entender que Lilly estivesse chateada com o fato de eu não ter ajudado na gravação de hoje. Ela pensa que o Ho-Gate — é assim que está chamando o caso — é a matéria mais importante que já fez. Acho isso meio idiota. Quem é que se importa com cinco centavos, afinal de contas? Mas o que Lilly disse foi:

„Vamos quebrar o ciclo do racismo que tem sido marcante nas delicatessen das cinco regiões da cidade.”

Tanto faz. Tudo que eu sei é que entrei no apartamento dos Moscovitz hoje à noite, Lilly deu uma espiada no meu cabelo e disse:

“Oh, meu Deus, o que foi que aconteceu com você?”

Como se eu estivesse com a cara cheia de gelo e o nariz tivesse ficado preto e caído, como aconteceu com aqueles caras que escalaram o monte Everest.

Ok, sei que as pessoas vão ficar apavoradas quando virem meu tabelo. E olhe que o lavei bem antes de vir para cá e tirei todo aquele creme dele. E ainda arranquei toda aquela maquiagem que Paolo botou em mim, vesti meu macaquinho e calcei o tênis de cano alto (quase não dá mais para ver a fórmula da equação do segundo grau). Pensei em tudo mesmo, exceto no cabelo. Eu parecia quase normal. Na verdade, até pensei que estava bonita — para mim, quero dizer.

Mas parece que Lilly não achou nada disso.

Tentei levar numa boa, como se aquilo não tivesse importância. E não tinha, por falar nisso. Não era como se eu tivesse feito implante de seios ou algo parecido.

“Isso mesmo”, disse eu, tirando o casaco. “Minha avó me levou no salão daquele tal de Paolo e ele...”

Mas Lilly não me deixou nem terminar. Estava em estado de choque. Continuou: “Seu cabelo está da mesma cor do da Lana Weinberger.”

“Bem, eu sei”, disse eu.

“O que é que há nos seus *dedos*? Essas unhas são postiças? As da Lana, também!”

Olhou pra mim, toda espantada. “Oh, meu Deus, Mia. Você está se transformando em Lana Weinberger!”

Aí eu fiquei mesmo chateada. Quero dizer, em primeiro lugar, não estou me transformando em Lana Weinberger. Em segundo, mesmo que esteja, Lilly é aquela que vive sempre dizendo que as pessoas são estúpidas por não verem que não importa a aparência, mas sim o que acontece dentro dela.

Então fiquei ali, na entrada do apartamento dos Moscovitz, que é de mármore preto, enquanto Pavlov pulava em volta de minhas pernas, tão contente por me ver, e eu disse:

“Não fui eu. Foi minha avó. Eu tive que...”

“O que é que você quer dizer com eu tive que?” Aquela expressão realmente maldosa apareceu na cara de Lilly. É a mesma expressão que aparece todos os anos quando nosso instrutor de Educação Física diz que temos que correr em volta da reserva do Central Park, no exame do Teste de Aptidão Física do Presidente. Lilly não gosta de correr em lugar nenhum, principalmente em volta da reserva do Central Park (que é muito grande).

“O que é que você é?”, perguntou. “Uma pessoa inteiramente passiva? Você é muda ou coisa assim? Incapaz de dizer a palavra não? Sabe, Mia, a gente precisa realmente trabalhar sua positividade. Você parece ter problemas sérios com sua avó. Você não parece ter problema para me dizer não. Eu precisei muito de sua ajuda hoje com o episódio Ho e você me deixou

na pior. Mas não viu problema em deixar sua avó cortar seu cabelo e pintá-lo de louro...”

Ok, apenas se lembre que acabei de passar o dia inteiro ouvindo alguém dizer que eu parecia um horror — pelo menos até Paolo me pegar e me deixar parecida com Lana Weinberger. E nesse momento eu ainda tinha que ouvir que há alguma coisa errada com minha personalidade.

Perdi o controle e disse: “Lilly, cale a boca.”

Eu nunca mandei a Lilly calar a boca antes. Nunca. Acho que nunca mandei qualquer pessoa calar a boca. Isso simplesmente não é uma coisa que eu faça. Não sei mesmo o que aconteceu. Talvez tenham sido as unhas. Eu nunca tive unhas antes. Elas me fizeram sentir mais forte. Quero dizer, por que Lilly estava sempre me dizendo o que eu devia fazer?

Infelizmente, no exato momento em que eu estava mandando Lilly calar a boca, Michael apareceu, com uma caixa vazia de cereal na mão e sem camisa.

“Uaaau”, disse ele, recuando. Não sei bem se ele disse uaaau e recuou por causa do que eu acabava de dizer ou por causa da minha aparência.

“O quê?” disse Lilly. “O *que* foi que você acabou de me dizer?” Nesse momento ela parecia mais do que nunca um cachorro pug.

Eu tive vontade de ceder. Mas não fiz isso porque eu sabia que ela tinha razão. Eu tenho mesmo problema para ser positiva.

Então, em vez disso, continuei: “Estou cansada de você me humilhar o tempo todo.

Durante o dia todo, minha mãe, meu pai, minha avó e os professores estão me dizendo o que fazer. E não preciso que meus amigos façam isso também comigo.”

“Uaaau”, repetiu Michael. Desta vez tive certeza de que foi por causa do que eu disse.

“Qual”, disse Lilly, apertando os olhos, “é o seu problema?”

Meu respondi: “Quer saber? Não tenho nenhum problema. Você é que está com um problema. Parece que você tem um grande problema comigo. Quer saber de uma coisa?

Vou resolver seu problema para você. Vou embora. De qualquer jeito, eu nunca quis ajudar você com aquela história estúpida do Ho-Gate. Os Ho são gente fina. Eles não 74

fizeram nada de errado. Não vejo motivo para você pegar no pé deles. E...”, continuei enquanto abria a porta, “meu cabelo não é amarelo.”

E me mandei. E meio que bati a porta quando saí.

Enquanto esperava o elevador, pensei que Lilly fosse aparecer e me pedir desculpas.

Mas ela não fez isso.

Voltei direto para casa, tomei um banho, e me joguei na cama com meu controle remoto e Fat Louie, que é o único que gosta de mim como sou agora. Eu estava

pensando que Lilly poderia ligar para pedir desculpa, mas até agora não ligou; Bem, eu não vou pedir desculpa se ela não pedir antes.

E quer saber de uma coisa?

Olhei no espelho há um minuto e meu cabelo não parece tão feio assim.

Depois de Meia-noite,

Domingo, 12 de Outubro

Ela ainda não telefonou.